



CanaOnline[®]

Fevereiro · 2018 · Nº 51

Mais etanol de milho no Brasil

A produção de etanol de milho dá sinal de que será uma tendência no país. E como fica o etanol de cana?

Sicoobcard.

Ganhar desconto para pagar menos:
faz toda a diferença.



DESCONTOS EXCLUSIVOS EM LOJAS ONLINE.



Sicoobcard. A melhor forma
de pagar suas compras.

Encontre uma cooperativa Sicoob perto de você

Sicoob Cecres: (11) 2192-911 | Sicoob Cocre: (19) 3401-2207 | Sicoob Cocrealpa: (18) 3502-2050
Sicoob Cocred: (16) 3946-3355 | Sicoob Coocrelivre: (16) 3820-6500 | Sicoob Coopcred: (18) 3401-1909
Sicoob Coopcredi: (16) 3251-9700 | Sicoob Cooplivre: (19) 3491-3339 | Sicoob Crediceripa: (14) 3761-3255
Sicoob Credicitrus: (17) 3345-9000 | Sicoob Credicoapec: (16) 3712-6600 | Sicoob Credicoonai:
(16) 3636-3240 | Sicoob Crediguaçu: (19) 3593-9898 | Sicoob Credimota: (18) 3341-9190
Sicoob Credivale: (18) 3902-3800 | Sicoob Credlíder: (17) 3426-5510

SICOOB
Faça parte.

Que seja feliz o casamento da cana com o milho na produção de etanol



Nesta edição da CanaOnline, trazemos um especial sobre a produção de etanol de milho no Brasil. A prática que, até 2012 era coisa de americano, cresce em nosso país, e parece que virará uma tendência. Um sinal do avanço do etanol de milho produzido no Brasil, foram os dados apresentados pelo relatório de safra da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica) divulgado no início de fevereiro, mostrando que dos 67,46 milhões de litros de etanol fabricados na segunda quinzena de janeiro de 2018, o milho respondeu por 60% do total produzido, foram 39,20 milhões de litros, com praticamente todo esse montante referente ao etanol hidratado (37,52 milhões de litros).

Já no acumulado desde o início da safra 2017/2018 até 1º de fevereiro, o volume do renovável fabricado a partir do milho totalizou 391,85 milhões de litros (322,07 milhões de litros de etanol hidratado e 69,79 milhões de litros de etanol anidro), volume 130% superior ao valor registrado em igual data do ciclo

2016/2017. E, segundo Ricardo Tomczyk, presidente da União Nacional do Etanol de Milho (UNEM), a previsão é que nos próximos três ou quatro anos, o volume de produção de etanol de milho no Brasil alcance entre 3 bilhões a 4 bilhões de litros, ou até mais.

Em relação à produção de etanol de milho no Brasil, a UNICA, principal entidade representativa do setor, comenta que o produto vem para complementar a oferta de etanol de cana, desde que a produção atenda as mesmas especificações e obrigações.

Mas esse cenário de crescimento da produção do etanol de milho começa a incomodar os produtores de cana e unidades sucroenergéticas, receosos da possibilidade de uma superprodução de etanol, derretendo o preço do produto. Para que isso não ocorra, é preciso que haja mercado e preços remuneradores ao etanol de cana e ao de milho, o que torna o RenovaBio imprescindível. Com o programa governamental de incentivo aos biocombustíveis funcionando a todo vapor, aí sim o casamento da cana com o milho na produção de etanol será uma união feliz.



Luciana Paiva
luciana@canaonline.com.br



CAPA

Mais etanol de milho no Brasil

Tendências

- Risco de reinstituição do ICMS sobre exportações ameaça o agronegócio

Produtores de Cana

- Entidades representativas do setor canavieiro nacional viajam à Nicarágua e fazem bonito na Bonsucro Week 2018



Fitotécnico

- Mais chuva, mais doenças na lavoura de amendoim

Economia

- 7 perguntas que as respostas impactam nas decisões

Coluna Pecege Custos

- Etanol – o produto da vez



Gestão de Negócios

- Jalles Machado,
uma empresa de alta
performance agrícola

Gestão de Pessoas

- Ser feliz é um presente
que você pode se dar

Gestão Agro

- O Novo Código Florestal
e o legado de sustentabilidade
da agricultura brasileira
para o mundo

Cana Substantivo Feminino



- Base sólida e
experiências marcantes
fortalecem carreira
de gerente

CanaOnline®

Editora

Luciana Paiva
luciana@canaonline.com.br

Redação

Adair Sobczack
Jornalista
adair@canaonline.com.br

Andréia Vital
Jornalista
andrea@canaonline.com.br

Leonardo Ruiz
Jornalista
leonardo@canaonline.com.br

Renato Anselmi
Jornalista
renato@canaonline.com.br

Marketing

Regina Baldin
regina@canaonline.com.br

Comercial

comercial@canaonline.com.br

Editor gráfico
Thiago Gallo

Aproveite melhor sua
navegação clicando em:



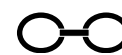
Vídeo



Fotos



Áudio



Link

**Consultora Técnica em
Processos Sucroalcooleiros**
Mary Paiva

Entre em contato:

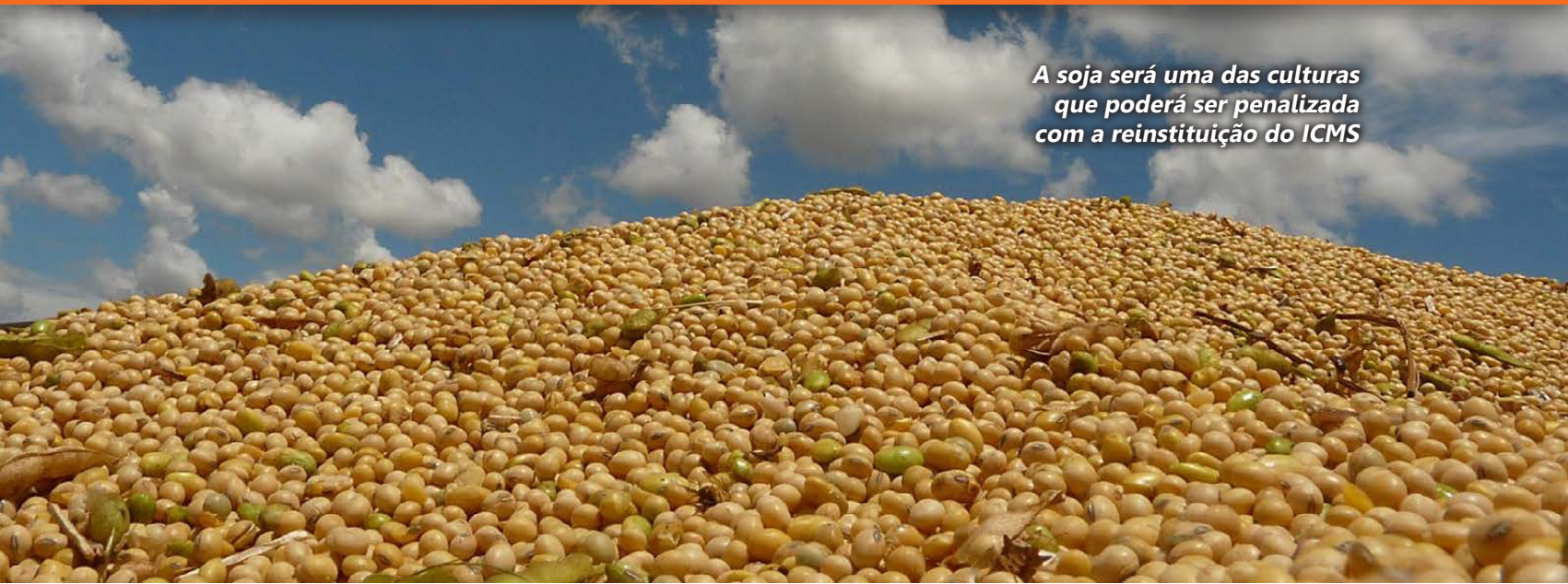
Opiniões, dúvidas e sugestões sobre a revista
CanaOnline serão muito bem-vindas:
Redação: Rua João Pasqualin, 248, cj 22
Cep 14090-420 – Ribeirão Preto, SP
Telefones: (16) 3627-4502 / 3421-9074
Email: luciana@canaonline.com.br

www.canaonline.com.br

CanaOnline é uma publicação
digital da Paiva& Baldin Editora



Paiva & Baldin
EDITORA



*A soja será uma das culturas
que poderá ser penalizada
com a reinstauração do ICMS*

Risco de reinstauração do ICMS sobre exportações ameaça o agronegócio

Ana Malvestio¹ e Mayra Theis²

Em 29 de novembro de 2017, foi aprovado pela Comissão de Constituição, Cidadania e Justiça (CCJ) o projeto de Proposta de Emenda Constitucional (PEC) nº 37/2007, prevendo alteração no artigo 155 da Constituição Federal, mais precisamente em seu parágrafo 2º, com o objetivo de reinstaurar a cobrança do Imposto sobre Operações Relativas à Circulação de Mercadorias e sobre Prestações de Serviços de Transporte Interestadual e Intermunicipal e de Comunicação (ICMS) nas exportações de produtos primários (não-industrializados) ou semielaborados, tais como soja, algodão, café, milho, carnes, entre outros produtos. O

próximo passo será a apreciação da PEC pelo Plenário do Senado.

O desarquivamento dessa proposta, originalmente de 2007, foi motivado pelas perdas que essa desoneração tem causado aos Estados e que não vêm sendo ressarcidas pela União, contribuindo para o déficit das contas públicas. Em sua defesa, alega-se ainda que a tributação dos produtos primários incentivará o crescimento da indústria nacional, vez que desafia as empresas a agregar valor aos produtos primários.

Na prática, esses argumentos refletem uma visão restrita do tema. Outros aspectos precisam ser considerados para que o Brasil não corra o risco de ter um

resultado negativo com a reinstituição do tributo.

No ano de 1996, quando foi promulgada a Lei Kandir que isentou os produtos primários, o saldo da balança comercial do agronegócio foi de US\$ 12,2 bilhões, segundo o Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (Mdic). Desde então, o saldo comercial das exportações avançou significativamente. Em 2017 totalizou US\$ 81,9 bilhões – o segundo maior valor da história e um aumento de 571,3% em relação a 1996. O agronegócio tem enorme relevância na economia, sendo responsável por 44% do total das exportações em 2017 e por cerca de 21% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro, segundo dados do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE). Tal crescimento é fruto, entre outros aspectos, da isenção do ICMS, que permitiu a entrada do produto nacional no exterior em níveis aceitáveis de competitividade.

O expressivo aumento das receitas geradas pelas exportações foi supor-

tado, em grande parte, pelo incremento da produção agrícola que, apenas no setor de grãos, foi superior a 220% entre a safra 1995/96 e 2016/17, saindo de 73,6 para 238 milhões de toneladas, segundo dados da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). Essa produtividade, por sua vez, não teria acontecido sem os investimentos em tecnologias para máquinas e equipamentos, pesquisa e desenvolvimento de novas variedades de plantas, aprimoramento de técnicas de manejo e cultivo, sem contar o alto índice de geração de empregos. Nos nove primeiros meses de 2017, um em cada cinco trabalhadores no país ocuparam-se em atividades relacionadas ao agronegócio, de acordo com os dados do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea).

Essa pujança, que agrega cadeia de fornecimento, emprego, renda e consumo, incrementa substancialmente a arrecadação tributária. É sensato pensarmos que, se o custo de eventual incidência do ICMS será arcado pelo produtor, em decorrência da limitação dos preços internacionais, haverá redução de investimentos e de produtividade, por consequência, queda na arrecada-



Nos nove primeiros meses de 2017, um em cada cinco trabalhadores no país ocuparam-se em atividades relacionadas ao agronegócio



dação indireta.

Retroagir 30 anos e reinstaurar uma sistemática de tributação introduzida pela Constituição Federal de 1988, cuja previsão de desoneração nas exportações abrangia exclusivamente os produtos industrializados, significa tomar a contramão das reformas que a legislação do ICMS realmente precisa para fomentar o mercado interno, suportado, em grande parte, pelas receitas advindas das exportações geradas pelo agronegócio. É prioritário que se reveja as distorções existentes no sistema não cumulativo, segundo o qual o imposto cobrado em uma etapa do processo de produção e comercialização é recuperado por meio da apropriação do seu valor como crédito, para ser deduzido do imposto devido nas etapas posteriores.

Nosso atual modelo é restritivo quanto a recuperação do tributo que incidiu na cadeia de valor. Os créditos ficam limitados basicamente aos insumos, cujas definições existentes nas diversas legislações estaduais não abrangem a totalidade dos custos com produtos, bens e serviços sujeitos à tributação do ICMS e necessários à execução das atividades. Por consequência, o imposto não recuperado passa a integrar o valor dos produtos, aumentando o seu ônus.

As políticas de desoneração ou redução de carga tributária adotadas nas operações com defensivos, fertilizantes, máquinas e implementos agrícolas, produtos

in natura, entre outros, em que pese reduzirem o ônus fiscal, geram acúmulos de créditos de ICMS para seus fabricantes e produtores, em decorrência da “recuperação” do imposto que incidiu na compra de seus insumos. Esses valores de imposto que deveriam reduzir a carga tributária das operações subsequentes, realizadas pelas indústrias de alimentos, destilarias, etc, ficam parados e, na prática, para serem utilizados quando permitido, precisam superar enorme burocracia que demanda tempo e recursos.

As reformas do nosso sistema tributário devem focar nas suas ineficiências que minam a competitividade de nossos produtos, burocratizam as empresas e sobrecarregam o judiciário. O momento da economia brasileira ainda é delicado e a estratégia de recompor as contas públicas dos Estados às custas das exportações de produtos primários, se aprovada, certamente atrasará ainda mais a retomada do crescimento, além de representar um dos piores retrocessos na legislação do ICMS desde a edição da Lei Kandir.



¹Sócia da PwC Brasil e líder de Agribusiness



²Gerente sênior da PwC Brasil

Tecnologia para a melhoria contínua da produtividade da cana

A **DMB** utiliza sua experiência adquirida em mais de cinco décadas de trabalho para desenvolver **novas tecnologias** e produzir equipamentos com o objetivo de obter e proporcionar aos seus clientes **maior produtividade e lucratividade** nos canaviais.

Para isso, aprendeu a ouvir as **necessidades dos produtores** e sempre trabalhou em parceria com entidades que pesquisam **novas tecnologias** para a cana, novas formas de plantio e cultivo, propondo **soluções confiáveis** para a sua cultura.

Exemplo disso são os **Adubadores** para cana soca, que proporcionam o fornecimento dos nutrientes, da forma mais adequada ao desenvolvimento e produtividade da cana.

Assim como os **Aplicadores de Inseticidas**, que permitem controlar as pragas com **total eficácia**.

E, a plantadora de cana **PCP 6000 Automatizada** que, apesar de líder no mercado, vem **continuamente incorporando melhorias**, como os novos sulcadores equipados com **dispositivos destorroadores**, que preparam o solo da forma ideal para a brotação dos toletes plantados.

Fale conosco e obtenha **maior lucratividade** com a sua cultura.

sp studio



Maior Controle no Plantio

Maior Produtividade por Hectare



Maior Uniformidade no canavial

Av. Marginal Francisco Vieira Caleiro, 700
Bairro Industrial - Sertãozinho/SP
Fone: +55 16 3946-1800
e-mail: dmb@dmb.com.br



www.dmb.com.br



A marca da cana

Entidades representativas do setor canavieiro nacional viajam à Nicarágua e fazem bonito na Bonsucro Week 2018

AO LONGO DOS CINCO DIAS DE EVENTO, A ORPLANA E DUAS DE SUAS ASSOCIADAS APRESENTARAM SEUS PROJETOS AO PÚBLICO PRESENTE E BUSCARAM SOLUÇÕES QUE AGREGUEM MAIOR VALOR AO PRODUTOR DE CANA-DE-AÇÚCAR BRASILEIRO



DIVULGAÇÃO ORPLANA

Bonsucro Week 2018 reuniu representantes da indústria sucroenergética brasileira e de diversos países das Américas, África, Ásia e Europa

Leonardo Ruiz

Localizada na América Central, a República da Nicarágua – ou apenas Nicarágua – é um país essencialmente agrícola. Entre os principais produtos, des-

tacam-se o café, algodão, banana, cana-de-açúcar, milho, laranja, abacaxi, arroz, mandioca, sorgo e feijão. A atividade da pecuária também ocupa um lugar de des-



Nicarágua: O verde cobre cerca de 50% do território da Nicarágua. Cana-de-açúcar é uma das principais atividades econômicas

taque, já que o país possui um dos maiores rebanhos da América Central.

Dois fatores se mostram como preponderantes para a consolidação dessas atividades econômicas no país: as dezenas de vulcões ainda ativos depositam sedimentos que enriquecem o solo, deixando-os extremamente férteis; e o forte clima tropical, que apresenta maior índice de pluviosidade entre maio e outubro. Por conta disso, quase metade do território nicaraguense é coberto por selvas.

E foi a verde Nicarágua – mais especificamente sua capital, Manágua – a sede escolhida pela Bonsucro, iniciativa global que avalia a sustentabilidade dos produtos fabricados a partir da cana, para a realização de sua conferência anual: a Bonsucro Week, que desde 2013 já passou por diversos países, como Estados Unidos, Filipinas, Brasil e Inglaterra.

Conduzido durante a segunda quin-

zena de janeiro (15/01 a 18/01) e com a co-organização do Comitê Nacional de Produtores de Açúcar da Nicarágua (CNPA), o evento reuniu representantes da indústria sucroenergética brasileira e de diversos países das Américas, África, Ásia e Europa para discutir as melhores práticas agrícolas e industriais na produção de cana-de-açúcar. Estiveram presentes, ainda, profissionais de diversos outros setores da economia mundial que possuem laços com o segmento canavieiro, tais como de varejos e indústrias de alimentos e bebidas. Ao todo, 165 pessoas marcaram presença no evento deste ano.

O diretor regional da Bonsucro para a América Latina, Miguel Hernández, afirma que este é um dos eventos mais importantes do ano no calendário canavieiro, em que membros e não membros da Bonsucro se reúnem para se atualizar sobre os desenvolvimentos da organização,

discutir novos projetos e iniciativas e realizar networking usando a Bonsucro como plataforma colaborativa. “A Bonsucro Week é muito importante para a indústria açucareira por ser um espaço para discutir as tendências da produção sustentável de cana-de-açúcar.”

Um dos pontos altos da programação deste ano foi a presença da Organização de Plantadores de Cana da Região Centro-Sul do Brasil (ORPLANA) e de duas de suas associadas: Associação dos Fornecedores de Cana da Região de Bariri (Assobari) e Associação dos Fornecedores de Cana de Guariba (Socicana). As entidades aproveitaram a ocasião para mostrar ao mundo suas iniciativas que visam garantir um futuro seguro, rentável e sustentável para o produtor de cana brasileiro.

ORPLANA apresenta seus principais projetos durante a Bonsucro Week 2018

Na figura de seu gestor executivo, Celso Albano de Carvalho, a ORPLANA apresentou seu sistema integrado, que em 2018 trabalhará com três pilares básicos: o projeto “Muda Cana”, que capacita e diferencia o produtor rural ao longo do tempo; o projeto “Segmentação”, que visa entender os diferentes segmentos presentes no universo canavieiro; e a realização de fóruns de liderança que buscam a geração de novos líderes para o setor. “Foi uma oportunidade muito feliz,

pois conseguimos mostrar os programas que fazem do Brasil um país diferenciado quando o assunto é produzir cana com sustentabilidade.”

Para o diretor regional da Bonsucro para a América Latina, era de extrema importância que a indústria mundial de açúcar ouvisse as experiências da ORPLANA, “uma parceira no Brasil que abriu as portas para que pudéssemos ajudar milhares de produtores a avançar no caminho da sustentabilidade”.



Painel sobre leis trabalhistas reuniu: da esq. para dir. Miguel Hernandez, diretor regional da Bonsucro para a América Latina; Celso Albano, gestor executivo da ORPLANA; Claudia Asensio, do Pantaleon Group, da Guatemala; e Matt Kealey, da Canegrowers, da Austrália

A ORPLANA participou ainda de um painel que discutiu a questão trabalhista no meio canavieiro. Celso Albano de Carvalho nota que o Brasil se destaca nesse quesito, uma vez que outros países da América Latina ainda discutem a mão de obra infantil e a hidratação de colabora-

dores no campo. “Pude constatar o quanto estamos numa posição qualificada em termos de legislações trabalhistas e ambientais. Me senti orgulhoso pela surpresa de outras nações ao verem a realidade do sistema produtivo de cana no Brasil.”

Por outro lado, o gestor executivo da ORPLANA se diz contente ao observar o lado patriótico do produtor de cana da América Central. “Não somente a Nicarágua, mas também outros países, como Guatemala, Honduras e Costa Rica, criaram um bloco de produção de cana, que acabou se tornando, não apenas uma questão econômica e de sobrevivência, mas também de honra.”

Parceria entre ORPLANA e Bonsucro visa certificação em massa dos produtores canavieiros

A parceria ORPLANA e Bonsucro começou em dezembro de 2015, numa reu-



Para Celso Albano de Carvalho, se não houver uma certificação também para produtores rurais, “haverá uma lacuna na produção que inviabilizará a venda de açúcar”

nião em que autoridades do setor sucroenergético nacional debateram o plano de ação da certificadora no Brasil para os anos seguintes. A principal discussão ficou por conta das certificações de cana-de-açúcar, que deveriam passar a ser mais focadas nos produtores rurais, uma vez que a maioria das usinas brasileiras já está certificada.

“Hoje, as negociações de açúcar ocorrem em um mercado cada vez mais rigoroso, que apenas comprará um produto cuja produção tenha sido feita, em sua totalidade, seguindo práticas sustentáveis, o que inclui a cana de fornecedores”, afirma Celso Albano, gestor executivo da ORPLANA.

Pepsico, Ferrero, General Mills, CSM, Bacardi, Unilever, Nestle, Shell, Coca-Cola, Mondelez, Kellog e Pernod Ricard são apenas algumas das gigantes que já afirmaram que trabalharão exclusivamente com fornecedores que tenham como objetivo garantir a aquisição de 100% do açúcar de cana de fontes sustentáveis até o ano de 2020. “Se não trabalharmos a questão da certificação também das propriedades dos fornecedores de cana, haverá uma lacuna nessa produção que inviabilizará a venda de açúcar. Perde a usina e o produtor”, ressalta Carvalho.

Em 30 de novembro de 2016 um importante passo foi dado nesse caminho. Em Londres, na Inglaterra, durante a Bonsucro Week daquele ano, a ORPLANA as-





FONTE: SOLIDARIDAD NETWORK

sinou um memorando de entendimentos com a Bonsucro. “Desde então, ela se tornou uma parceira para a certificação também de produtores rurais no Brasil”.

Mas, para que o processo de adequação das propriedades fosse o menos traumático possível para os produtores rurais,

a ORPLANA criou, no final do ano passado, o “Muda Cana” – um dos projetos apresentados durante a Bonsucro Week 2018 -, que cria condições para que o fornecedor se adapte às novas demandas e regras que estão sendo impostas à atividade, deixando-o preparado para uma pré-certificação de sua propriedade. “A decisão pela certificação real, a ser conduzida pela Bonsucro, ficará a cargo do produtor e de sua associação.”

Celso Albano ressalta que a entidade tem trabalhado para construir um raciocínio da importância da certificação junto aos produtores, porém, tem esbarrado em alguns empecilhos. “Quando um fornecedor alcança a certificação, os ganhos de-



DIVULGAÇÃO ORPLANA

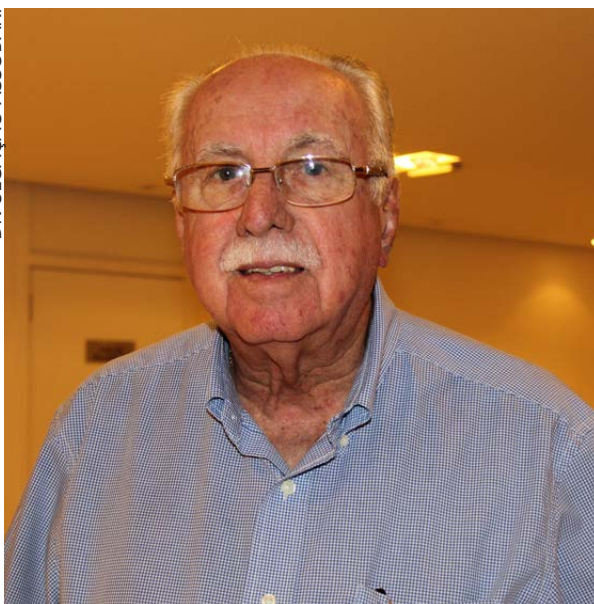
Gestor executivo da ORPLANA, Celso Albano de Carvalho apresenta o Muda Cana durante a Bonsucro Week 2018

correm apenas de uma maturidade maior de gestão de sua propriedade do que do aumento de renda propriamente dito. Por conta disso, aproveitamos a Bonsucro Week deste ano também para estreitar os laços com os consumidores finais da cadeia de açúcar visando criar algum tipo de remuneração especial aos produtores que entregam matéria-prima certificada nas unidades agroindústrias.”

Assobari vai à Nicarágua em busca da comercialização de créditos de carbono

A primeira associação que se atentou a importância de uma certificação foi a Associação dos Fornecedores de Cana da Região de Bariri (Assobari), ainda em 2008, ano em que se falava bastante sobre a comercialização de créditos de carbono. De olho nesse mercado, a Entidade

DIVULGAÇÃO ASSOBARI



Acácio Masson Filho conversou com diversas entidades durante a Bonsucro Week para tentar dar início a comercialização de créditos de carbono

começou a buscar mais informações sobre o assunto e descobriu que essas negociações apenas seriam possíveis caso a matéria-prima estivesse certificada.

A certificação final veio apenas oito anos depois, em janeiro de 2016, após um longo processo de adequações das propriedades associadas. Naquele mês, 68 produtores foram certificados, grupo formado exclusivamente por pequenos e médios agricultores, que passaram a ser gestores de suas fazendas, operando-as com maior eficiência, desde o controle de estoque e melhoria das práticas agrícolas até a adequação às leis trabalhistas. “Os benefícios começaram a aparecer com o tempo, mas nosso intuito inicial, que era a comercialização de créditos de carbono, acabou ficando de lado”, conta o diretor de sustentabilidade da Assobari, Acácio Masson Filho, que viajou até a Nicarágua a fim de buscar mais informações sobre o tema durante a edição 2018 da Bonsucro Week.

Durante os cinco dias de evento, Masson Filho conversou com diversas entidades para tentar dar início a negociação de uma área de cerca de 13 mil hectares certificados dos produtores rurais associados à Assobari com companhias que têm um déficit de carbono no mundo. “Se dependesse apenas da nossa associação, isso já estaria acontecendo. Entretanto, ainda é necessário que outros importantes elos da cadeia tomem conhecimento da importância desse ato e o coloquem em prática.”



Troféu e certificado do Bonsucro Inspire 2018 já se encontram a mostra na sede da Socicana

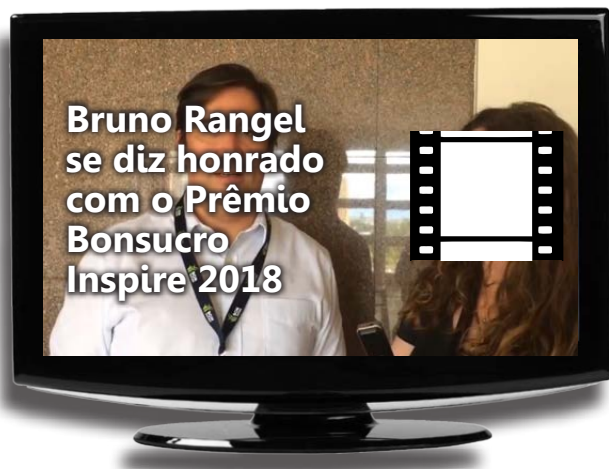


DIVULGAÇÃO ORPLANA

Projeto Top Cana, da Socicana, recebe o Prêmio Bonsucro Inspire 2018

Anualmente, durante a Bonsucro Week, a Bonsucro realiza o Prêmio Bonsucro Inspire, cujo objetivo é reconhecer contribuições exemplares para o setor de cana-de-açúcar sustentável, celebrar a colaboração entre diferentes atores e compartilhar histórias, a partir das quais outros possam ser inspirados e aprender.

Este ano, o grande vencedor foi o “Top Cana”, programa da Associação dos Fornecedores de Cana de Guariba (Socicana) em parceria com a Solidaridad Network, no qual os produtores participam de um diagnóstico da produção e da propriedade e identificam pontos de melhoria nos processos. Para o presidente da entidade, Bruno Rangel Geraldo Martins, “ganhar um prêmio Bonsucro é como receber um Oscar no setor de certificações, e a Socicana está comemorando esta conquista junto com seus associados”.



FONTE: SOLIDARIDAD NETWORK

Segundo ele, muitas vezes o Brasil é questionado sobre sua produção, que supostamente não atenderia as leis e exigências governamentais. “Este prêmio é uma forma de mostrar ao mundo que, não apenas a Socicana, mas como todo o Brasil, possui uma produção responsável e sustentável.”

Mais chuva, mais doenças na lavoura de amendoim

VERÕES DE ALTA PLUVIOSIDADE E COM ALTA QUANTIDADE DE DIAS NUBLADOS BENEFICIAM O COMPLEXO DE DOENÇAS DO AMENDOIM. MANCHA PRETA E MANCHA CASTANHA SÃO AS MAIS FAVORECIDAS



ARQUIVO CANAONLINE

O cultivo do amendoim sofre com o ataque de doenças, principalmente as de origem fúngica

Leonardo Ruiz

Por ser uma cultura majoritariamente de rotação com a cana-de-açúcar - estimativas apontam que 90% do cultivo esteja diretamente envolvido com os canavicultores -, o amendoim é semeado durante o verão, época em que as condições climáticas são ideais para o desen-

volvimento pleno da leguminosa. Mas é também esse período que reúne as principais condições necessárias para que ocorra o aparecimento de doenças nas lavouras.

Existem diversas doenças relatadas no cultivo do amendoim, tendo como agentes causais fungos, vírus, bactérias e



Marcos Doniseti Michelotto afirma que são necessárias de seis a nove aplicações de fungicida durante todo o ciclo do amendoim

até nematóides (parasitando e lesionando o sistema radicular das plantas). Todavia, elas não ocorrem numa única fase do cultivo, ou seja, podem acometer desde as sementes, passando pela fase de plântula, causar danos durante o desenvolvimento vegetativo do amendoim (doenças de parte aérea), e até mesmo após o processo de colheita (produção de aflatoxinas ou degeneração dos grãos armazenados).

O produtor deve ficar atento. O pesquisador científico e diretor de pesquisa do Polo Centro Norte da Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios (APTA), da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, Marcos Doniseti Michelotto, afirma que, independente do histórico da área, são necessárias de seis a nove aplicações de fungicida durante todo o ciclo da cultura. Em 100% da área em caráter preventivo.

“As pulverizações de fungicidas na cultura do amendoim seguem um esquema de calendário. É uma prática comum realizada pelos produtores em que, a partir dos 30 dias, ele começa a fazer as aplicações desse defensivo quinzenalmente.”

O engenheiro agrônomo de desenvolvimento de mercado da BASF, Rafael Factor Feliciano, ressalta que anos agrícolas como o registrado na safra atual, com volumes pluviométricos elevados que, por sua vez, acabam deslocando a janela de semeadura e dificultando a entrada dos

MANCHA CASTANHA



MANCHA PRETA



As cercosporioses, conhecidas como mancha preta e mancha castanha, são as doenças mais favorecidas em anos com alta pluviosidade



Caso o produtor não faça o manejo das doenças do amendoim, o processo de inversão será prejudicado

pulverizadores na área, podem ser desafiadores e mais complexos no âmbito do controle das doenças. “Para isso, faz-se necessário se atentar para a utilização dos produtos nas doses corretas e repensar os intervalos entre as aplicações, a fim de evitar uma evolução descontrolada da doença na lavoura. De qualquer maneira, a aplicação dos fungicidas sistêmicos devem ser sempre associados ao Clorotalonil.”

Entre as principais doenças do amendoim, destacam-se as cercosporioses (mancha preta e mancha castanha), as mais favorecidas em anos com alta pluviosidade. Além destas, existem outras de elevada importância econômica, como a

ferrugem, a verrugose, mancha barrenta e mancha de *Leptosphaerulina* (mancha em “V”), que completam o principal complexo de doenças do cultivo.

O pesquisador da APTA explica que os maiores danos causados por elas ocorrem mais pela interferência no processo de arranquio e colheita do amendoim do que pela doença em si. “Quando o produtor não faz um bom controle, ao chegar no final do ciclo encontrará uma planta tão depauperada que o processo de inversão não será feito corretamente.”

Isso ocorre pois, no amendoim, a colheita difere de outras culturas. Primeiramente, um equipamento transita pela la-

voura arrancando e invertendo as plantas, deixando-as aleiradas com as vagens expostas para cima para que haja a secagem das mesmas. Posteriormente, outra máquina passa para fazer a colheita ou recolhimento desse amendoim.

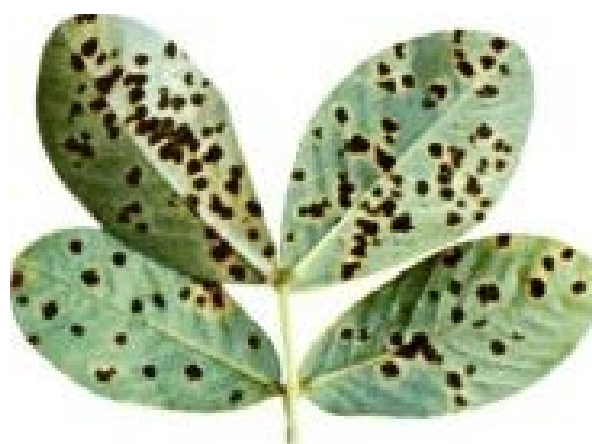
Caso a doença tenha se instalado durante o ciclo, não haverá massa de folha suficiente para realizar a inversão. Ou os ramos e pedúnculos estarão tão fracos que, quando o arrancador passar, estes se soltarão da planta. “Em alguns casos, a vagem até foi produzida, mas fica no solo, sem ter como tirá-la. Por isso, o produtor deve ficar atento às doenças para evitar esse tipo de problema. O objetivo é chegar no final do ciclo e encontrar uma planta sadia”, relata Michelotto.

Mancha preta e mancha castanha são as doenças mais favorecidas em períodos altamente chuvosos

Como afirmado, as cercosporioses, denominadas como mancha preta e mancha castanha, são as doenças mais favorecidas por períodos chuvosos, dias nublados, alta umidade e temperatura elevada. Neste caso, é importante reduzir o intervalo entre as aplicações para impedir que se instalem na lavoura.

Os sintomas da mancha preta aparecem de 10 a 14 dias após a infecção pelo patógeno e caracterizam-se pelo surgimento de lesões de coloração cas-

tanho-escuro na face superior dos folíolos, arredondadas e de diâmetro variável, ocasionalmente circundadas por um halo amarelado. As frutificações do fungo ocorrem na parte inferior dos folíolos e se apresentam como pequenos pontos escuros, distribuídos no centro das lesões, com coloração preta, característica que a diferencia da mancha castanha, notoriamente mais clara.



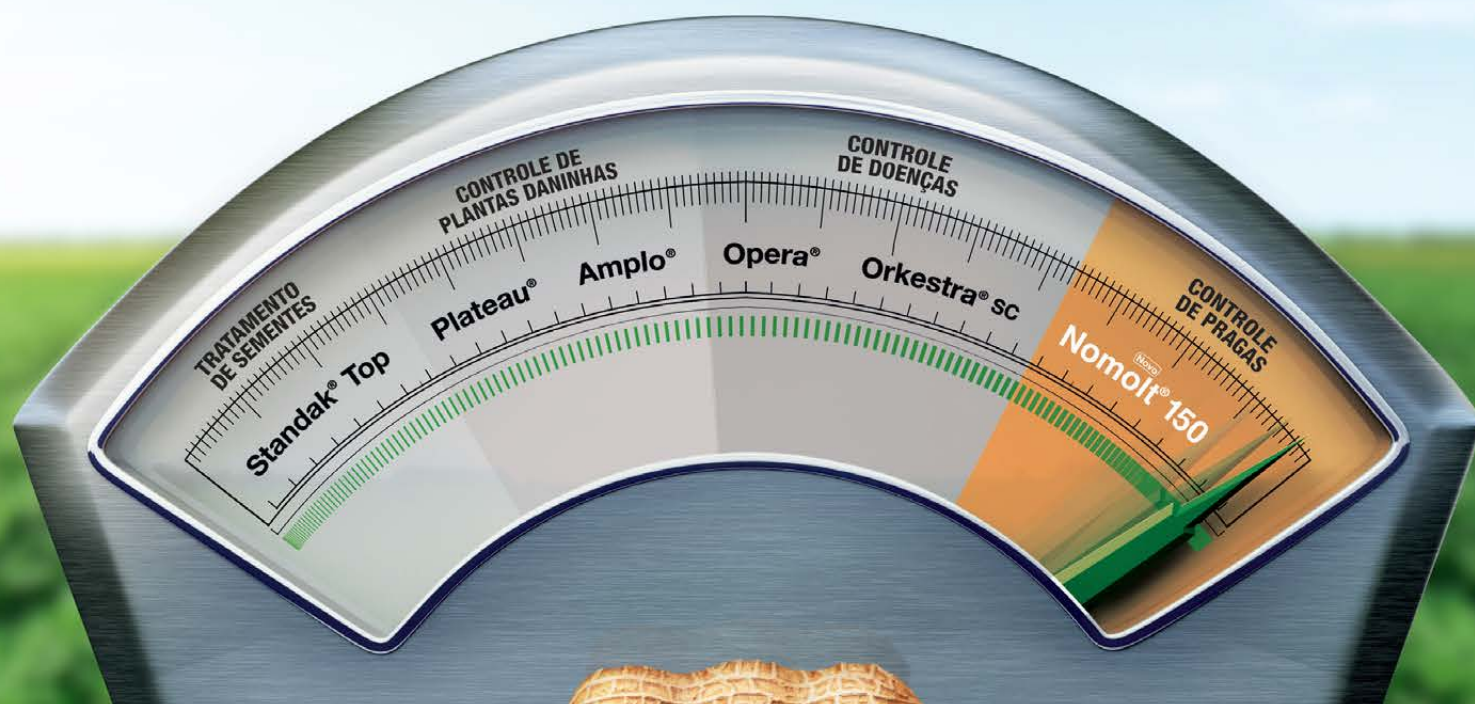
DIVULGAÇÃO APTA

Os sintomas da mancha preta são representados por lesões pretas circulares

Dentro da cronologia do cultivo, a mancha preta surge de maneira mais tardia em relação a mancha castanha, porém, a curva de progresso da mancha preta é mais rápida e intensa. Essa doença é considerada como a mais importante para o cultivo do amendoim, pois tem a capacidade de disseminação bastante acelerada no campo e causa desfolha intensa da lavoura, interferindo no processo fotossintético. O dano é ainda maior caso a desfolha ocorra em até 90 dias após a semeadura, o que compromete a formação das vagens e o enchimento dos grãos.

Chegou Nomolt® 150, mais um aliado de peso para a produtividade da sua lavoura.

ERT



Aplique somente as doses recomendadas. Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos. Inclua outros métodos de controle dentro do programa do Manejo Integrado de Pragas (MIP) quando disponíveis e apropriados. Uso exclusivamente agrícola. Restrições temporárias no estado do Paraná: Plateau® para os alvos *Indigofera hirsuta* e *Emilia sonchifolia*, Amplo® para amendoim. Registro MAPA: Standak® Top nº 01209, Plateau® nº 02298, Opera® nº 08601, Orkestra® SC nº 08813, Amplo® nº 0508, Nomolt® 150 nº 01393.

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO.



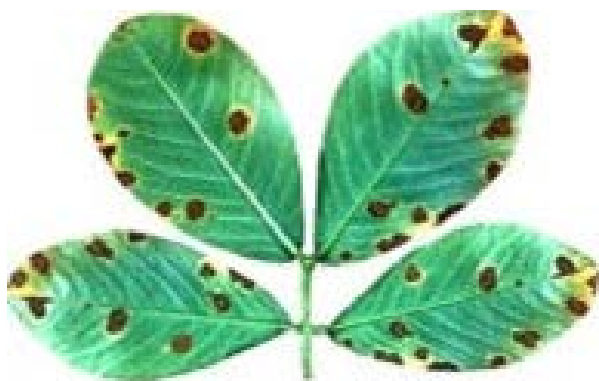
BASF Amendoim.
Produzindo resultados de peso.

☎ 0800 0192 500

facebook.com/BASF.AgroBrasil
www.agro.basf.com.br

BASF
We create chemistry

Os sintomas da mancha castanha aparecem de 11 a 17 dias após a infecção pelo patógeno e caracterizam-se por manchas necróticas de formato circular e mais irregulares, tendo uma coloração mais clara e com halo amarelado mais nítido em relação a mancha preta. Para essa doença, é possível observar as frutificações do fungo na parte superior das folhas.



DIVULGAÇÃO APTA

Os sintomas da mancha castanha são representados por lesões arredondadas de cor castanha com bordas amarelas

O principal dano decorrente de ambas as doenças se refere à desfolha precoce das plantas, diminuindo a taxa fotossintética e causando redução drástica na produção final (70% a menos caso a desfolha intensa ocorra antes dos 90 dias após a semeadura). A desfolha traz ainda alguns problemas, como o aumento da incidência de Murcha sclerotium e a possibilidade de apodrecimento das vagens e ginóforos caso haja um atraso na colheita das áreas.

A principal forma de disseminação dos esporos das cercosporioses é através do vento e dos respingos de chuva que, quando em ambiente favorável sobre a fo-

lha da planta, iniciam o processo de penetração e infecção da lavoura.

Na cultura do amendoim, a principal ferramenta para o controle das doenças é o fungicida

As variedades comerciais atualmente utilizadas no plantio das áreas de amendoim são suscetíveis às principais doenças da cultura. Portanto, não será possível combatê-las de maneira satisfatória sem a utilização dos fungicidas. Algumas práticas como rotação de culturas, plantio direto e época de semeadura são complementares ao tratamento com fungicidas e normalmente proporcionam bons resultados ao longo do desenvolvimento da planta.

Rafael Factor Feliciano, afirma que o portfólio da BASF é reconhecido pelo

LEONARDO RUIZ



Rafael Factor Feliciano recomenda a utilização alternada dos fungicidas BASF, que irão proporcionar um controle superior de doenças e uma colheita farta

mercado como excelente para o manejo das doenças fúngicas em amendoim. “As aplicações desse tipo de defensivo ocorrem sempre de maneira a associar os fungicidas sistêmicos junto ao protetor (Clorotalonil). Nesse contexto, recomendamos a utilização alternada dos nossos fungicidas, o que irá proporcionar um controle superior de doenças e uma colheita farta no final do processo.”

Para o controle das doenças iniciais, ocorridas após a semeadura até o início da emergência, a BASF conta com o Standak Top, produto desenvolvido para o tratamento de sementes do amendoim, garantindo uma proteção contra o ataque de doenças e pragas de solo desde o momento da semeadura. “É importante salientar que, no caso do amendoim, as sementes possuem elevada quantidade de óleo, sendo um “substrato” ideal para a proliferação de fungos, portanto, o tratamento de sementes para esse cultivo é de extrema importância.”

O Standak Top se configura como a melhor opção para o tratamento das sementes, pois além de possuir em sua composição dois fungicidas e um inseticida, carrega em seu “DNA” a marca “AgCelence”, que são efeitos fisiológicos positivos manifestados pelo amendoim quando na presença dos fungicidas BASF com F500 em sua composição, que irão proporcionar maior arranque na germinação, formação de sistema radicular mais vigoroso e

uniformidade superior das plantas. A utilização de Standak Top também proporciona um efeito supressor em nematóides. A dose de utilização de Standak Top é de 300 ml/ha no tratamento das sementes de amendoim.

DIVULGAÇÃO APTA



A ferrugem é uma doença que vem aumentando a ocorrência nas regiões produtoras de amendoim

Já para o controle das doenças foliares do amendoim, a BASF possui um portfólio amplo e altamente reconhecido pelo mercado como o melhor tratamento fúngico para o cultivo. “Para isso, temos os fungicidas Opera, Orkestra e Ativum. Todos esses produtos, além de promover a proteção do amendoim contra os patógenos causadores das doenças, também melhoram o desenvolvimento vegetativo das plantas, aumentando a produtividade final das lavouras. Isso é devido ao benefício AgCelence que está presente em todos esses fungicidas.”

O Opera é um fungicida composto



pela mistura de um triazol+estrobilurina, tendo duplo modo de ação, ou seja, age inibindo a síntese do ergosterol na membrana celular dos fungos e também inibe o processo de respiração mitocondrial, interferindo na produção de ATP nas células dos fungos. A dose de Opera é de 0,6 l/ha.

Já o fungicida Orkestra trouxe uma inovação: a inserção das carboxamidas no manejo das doenças fúngicas. O Orkestra possui ação sistêmica e translaminar, controlando de maneira superior os patógenos, além de ser uma excelente ferramen-



DIVULGAÇÃO APTA

A verrugose é uma doença de ocorrência bastante antiga no cultivo do amendoim

ta para alternância de princípios ativos (com diferentes mecanismos de ação) utilizados na cultura do amendoim. A dose recomendada de Orkestra é de 0,3 l/ha.

O fungicida Ativum é a grande novidade para os produtores que objetivam manter a lavoura livre das doenças e, além disso, evitar o surgimento de resistência dos patógenos aos fungicidas, fato muito preocupante e que vem causando problemas de manejo em outros cultivos. O Ativum é uma mistura tripla de fungicidas, única no mercado de amendoim, agregando três mecanismos de ação distintos, possibilitando maior espectro de controle; ainda mais nos períodos onde a curva de progresso das doenças é mais acentuada. A dose de recomendação do Ativum é de 0,8 a 1,0 l/ha.

“A combinação desses três fungicidas, dentro da composição de manejo para o controle das doenças, proporciona resultados superiores na performance e eficácia, além de possibilitar um aumento da produtividade do amendoim devido aos benefícios AgCelence presentes em todo o portfólio de fungicidas da BASF com F500 em sua formulação”, diz Rafael, salientando que nenhum produto será eficiente sem uma correta regulagem dos equipamentos pulverizadores. “Devemos garantir um bom recobrimento das plantas e favorecer uma maior penetração das gotas no dossel visando alcançar êxito no combate às doenças do amendoim.”

Produtor de amendoim faz sequencial de fungicidas para garantir produtividade da lavoura

A família Carneiro, de Ribeirão Preto/SP, cultiva amendoim há três gerações. Todos os anos, são plantados de 800 a 1000 hectares com a leguminosa em áreas de renovação de canavial próprio e de terceiros. O atual produtor da fazenda é Mateus da Silva Carneiro, que vem conseguindo altas produtividades com a cultura: 215 sacas por hectare.

O segredo, segundo ele, é não deixar que as doenças tomem conta da lavoura, principalmente as cercosporioses. “Elas são normais na cultura do amendoim. Todos os anos aparecem, com maior ou menor intensidade, mas sempre estão lá.” Carneiro conta que já registrou altas perdas em função dessas enfermidades. “Não tem como mensurar, porque é uma cadeia:



Mateus da Silva Carneiro: “Sou adepto do uso sequencial de fungicidas, que garantirão o potencial produtivo da minha lavoura”



Meiosi na fazenda de Mateus da Silva Carneiro. Cana + amendoim: dobradinha perfeita

a doença se instala, a planta morre e depois fica difícil arrancar as vagens do solo.”

Porém, o produtor agradece o fato de haver produtos eficientes no mercado que não deixam essas e outras doenças, como a ferrugem e a verrugose, se manifestar. “Sou adepto do uso sequencial de fungicidas, que garantirão o potencial produtivo da minha lavoura de amendoim. Nesse sistema, utilizo bastante o Orkestra e o Opera, ambos da BASF, em associação com o Clorotalonil.”

Carneiro conta que o portfólio de fungicidas da BASF é o seu preferido pois, além de prevenir doenças na cultura, garante ganhos adicionais de produtividade decorrentes dos benefícios AgCelence, “que proporcionam maior enchimento dos grãos, melhoria na qualidade do amendoim, além de um excelente vigor na planta”.



7 perguntas que as respostas impactam nas decisões

A PRIMEIRA DELAS É DUPLA: O SETOR SUCROENERGÉTICO SE RECUPERA? QUANDO?

* *Marcos França*

A ansiedade dos executivos das empresas em toda a cadeia produtiva do agronegócio sucroenergético está alta e preocupante. A ansiedade não controlada gera estresse, doenças e decisões que levam ao fim empresas e, principalmente, a vida dos gestores.

A título de informação, segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde), na América Latina, o Brasil é o país que tem o maior número de pessoas com algum transtorno de ansiedade, um indicador três vezes maior que a média mundial.

Isso é grave e preocupante. Pessoas focadas nos problemas não enxergam as oportunidades e não encontram soluções.

Atuando na reestruturação econômica e financeira das empresas, que passa por uma boa dose de organização interna, frequentemente sou abordado com as mesmas perguntas, que são:

1. O setor sucroenergético se recupera? Quando?

Muitas vezes arrisquei dizer que poderia demorar um ou dois anos, pois as tendências econômicas e as políticas go-

vernamentais indicavam, ou geravam esperanças de retomada e de crescimento. Atualmente me restrinjo a dizer apenas o que vislumbro no curtíssimo prazo e não são coisas positivas.

A recuperação do setor será lenta para uma boa parte das empresas, difícil para outras e impossível para algumas.

Começando pelo topo da cadeia produtiva, que são as usinas e destilarias, que convivem com um endividamento na ordem de R\$ 100 bilhões de reais e faturamento total margeando esse montante, as empresas endividadas não estão gerando margem para pagar as despesas financeiras e com isso, o endividamento cresce dia a dia. Mesmo que venham preços melhores, os poucos investimentos no canavial impactam na falta de produto. Sem produto não tem resultado.

Fato é que teremos mais unidades produtivas recorrendo aos requisitos da lei de Recuperação Judicial e outras ainda com expectativas de maior flexibilização das instituições financeiras, que devem agir com maior rigidez nos acompanhamentos de resultados das empresas, exigindo mais profissionalismo em seus con-

troles e coibindo o uso de recursos que não sejam para a atividade operacional. Precisam intensificar o monitoramento dos resultados econômicos e operacionais. Somente auditar balanço ou balancete não resolve. É preciso um monitoramento feito por profissionais que conheçam a operação agroindustrial, ou seja, do CAMPO AO BANCO.

Algumas unidades que renegociaram suas dívidas voltarão a “passar o chapéu” nas portas dos bancos, pois em grande parte não estão conseguindo obter as margens necessárias para os investimentos e ainda pagar as contas renegociadas de forma impulsiva e muitas vezes mal planejadas.

Já as empresas endividadas e com boa performance operacional são atrativas para investidores que não estão deixando de olhar o mercado, porém de forma bastante seletiva.

Então, para essa primeira pergunta a resposta é que 2018 não será fácil para grande parte das empresas e não se vislumbra perspectivas de melhora no curto prazo, visto a dificuldade dessa conjugação “preço dos produtos x dívida x produtividade”. Esse impacto negativo no topo será sentido nos demais elos da cadeia produtiva.

2. O que podem esperar as empresas de serviços e de produção de bens de capital



destinados ao setor?

Como elo na cadeia produtiva, podem esperar dificuldades. Muitas empresas contrataram mão de obra para atender a demanda de entressafra gerando uma ilusão de que o impacto da melhora da economia estava refletindo no setor. Algumas empresas, que fizeram serviços sem avaliar o cadastro das contratantes, terão dificuldades no recebimento. Ainda, a partir de março as dificuldades econômicas para quem não tem reserva de capital serão agravadas, pois a demanda por novos projetos ainda não estará em pauta no mercado.

A solução é rever o planejamento para os próximos anos, não apenas para 2018, para fazer ajustes nos custos e buscar outros mercados.

3. O Renovabio é uma solução?

O programa vai ajudar muito, porém não em curto prazo.

Além disso, muitos empresários, focados no problema da dívida ou baixa produtividade, nem se quer pararam para pensar em como se adequar ao programa para que no futuro possam obter vantagens competitivas.

4. Porque há empresas no setor, produtoras de açúcar e etanol que, apesar das dificuldades

do mercado, obtém resultados?

Empresas que planejam e são bem estruturadas na sua administração de custos de produção e que não estão alavancadas em capital de terceiros onerosos, e ainda conseguem manter um programa de investimentos na lavoura, mesmo com os preços atuais, produzem margens. Pode não ser a margem ideal, mas os preços atuais geram resultados para aguardar um momento melhor.

Observa-se que muitas empresas carregam custos de produção que não fazem parte do processo produtivo de açúcar e etanol, além de não planejar adequadamente todo processo produtivo. Ou ainda dizem possuir controles de custos, mas na realidade são meros produtores de números, com analistas que não tem capacidade de análise. São críticas duras, mas reais e necessárias.

5. A diversificação de produtos é a solução?

Sim, é! A cogeração de energia, por exemplo, é uma forma de diversificação. Porém, somente tem condições de diversificar quem tem capital para investir. O acesso à linhas de financiamento ainda é restrito e vai continuar assim, pois muitas empresas não possuem indicadores que entusiasmam os financiadores do mercado. Outras ainda, até possuem indicadores operacionais interessantes, mas quan-

do avaliada a sua capacidade de gestão, se há ou não uma governança estruturada, deixam a desejar e geram dúvidas quanto a sustentabilidade.

6. Qual a solução para o endividamento do setor?

O PESA (Programa Especial de Saneamento de Ativos), implementado pelo Governo Federal em 1998 e que teve a adesão dos bancos é um exemplo de ferramenta que poderia ser repensada para o setor. Para isso precisa de uma conjugação de ações políticas e privadas.

Diferente do programa anterior, uma nova modalidade de refinanciamento a longo prazo precisa vir acompanhada de regras de acompanhamento dos resultados das empresas, com severas penalidades para as quais não cumprirem com as metas estabelecidas, como exemplo um programa de governança e aplicação de recursos na empresa e não nos negócios de família, como se vê em muitos casos.

7. O setor está se profissionalizando?

Será preciso um tempo maior de maturidade para poder afirmar que o setor já está profissionalizado. No momento, está se profissionalizando, mas ainda lentamente na maior parte das empresas, exceto os grandes grupos. Muitas empresas ou mesmo grupos ranqueados entre os grandes, ainda tem forte

influência familiar. Contratam profissionais de mercado, mas não dão a liberdade para se trabalhar mudanças que envolvem implantar uma governança bem estruturada e separação dos interesses familiares.

Com mais de 36 anos de atuação no setor, com enfoque no planejamento estratégico, as críticas se repetem ano a ano e não vejo solução no curto prazo a não ser que se intensifiquem as cobranças por parte dos financiadores do setor e que as novas gerações, ou sucessores nas empresas familiares, sejam preparados para fazer as mudanças necessárias, o que pode ser feito através de um bom programa de governança.

Enquanto isso não acontece, o setor continuará navegando em incertezas e selecionando quem fica no mercado.



**Marcos Françóia
MBF Agribusiness*



Mais etanol de milho no Brasil

A PRODUÇÃO DE ETANOL DE MILHO DÁ SINAL DE QUE SERÁ
UMA TENDÊNCIA NO PAÍS. E COMO FICA O ETANOL DE CANA?

*Cada tonelada de milho
produz 420 litros de
etanol e 220kg de DDG*



Leonardo Ruiz e Luciana Paiva

Até há pouco tempo, produzir etanol com o milho era coisa de americano. No Brasil, a matéria-prima do etanol era a cana-de-açúcar e o nosso país era o maior produtor de etanol do mundo. A partir de 2006 o Brasil foi superado pelos Estados Unidos que assumiram a primeira colocação. Em 2000, os EUA produziam 6 bilhões de litros por ano; em 2016 atingiram 58,15 bilhões de litros. No mesmo período, o Brasil foi de 10,6 bilhões de litros de etanol para a produção, em 2016, de 30,42 bilhões de litros. Sendo que, 97% do etanol americano é proveniente do milho. Um terço desse cereal cultivado nos Estados Unidos é destinado para a produção de etanol. São 120 milhões de toneladas, mais do que as safras do Brasil, da Argentina e do México juntas.

Mas, a produção de etanol com o milho começa a ganhar terreno no Brasil, até mesmo, tradicionais unidades sucroenergéticas, como a CerradinhoBio, anunciam o investimento em plantas para a produção de etanol a partir do milho.

Relatório apresentado pela União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica), no início de fevereiro, mostra que dos 67,46 milhões de litros de etanol fabricados na segunda quinzena de janeiro de 2018, o milho respondeu por 60% do total produzido, foram 39,20 milhões de litros, com praticamente todo esse montante referen-



“A previsão é que nos próximos três ou quatro anos, o volume de produção de etanol de milho no Brasil alcance entre 3 a 4 bilhões de litros, ou até mais”, informa Ricardo Tomczyk

te ao etanol hidratado (37,52 milhões de litros). Já no acumulado desde o início da safra 2017/2018 até 1º de fevereiro, o volume do renovável fabricado a partir do milho totalizou 391,85 milhões de litros (322,07 milhões de litros de etanol hidratado e 69,79 milhões de litros de etanol anidro), volume 130% superior ao valor registrado em igual data do ciclo 2016/2017. Ricardo Tomczyk, presidente da União Nacional do Etanol de Milho (UNEM), informa que a previsão é que nos próximos três ou quatro anos, o volume de produção de etanol de milho no Brasil alcance entre 3 a 4 bilhões de litros, ou até mais.

A perspectiva de avanço é tão grande que, em setembro de 2017, foi criada a União Nacional do Etanol de Milho (UNEM). Seu presidente, Ricardo Tomczyk,

conta que as indústrias que operam com milho perceberam que havia uma lacuna de representatividade, principalmente porque a indústria de etanol de milho não produz apenas etanol, produz também DDG no mesmo processo. “Precisava ter uma organização dessa cadeia, que é nova e que tende a crescer rapidamente. Além disso, envolve vários setores, é uma cadeia longa e ela envolve desde o produtor de milho, a indústria como um todo, consumidor tanto do etanol, quanto do DDG ou do óleo de milho. Então é uma cadeia mais extensa do que a da cana e ela precisava se organizar para que o crescimento fosse ordenado. Para que pudessemos atrair os investimentos da maneira correta e para os lugares corretos.”

O que mudou no cenário nacional para impulsionar o etanol de milho no Brasil

Para Ricardo Tomczyk, principalmente dois fatores pesaram para esta nova realidade. “O primeiro foi há seis anos, quando uma indústria de etanol do MT chamada Usimat (veja matéria nesta edição) desenvolveu uma tecnologia bastante tupiniquim e fez uma adaptação na linha de produção de etanol de cana e começou a produzir etanol a partir do milho. A Usimat começou a usar o milho como matéria-prima. Isso funcionou muito bem e fez sucesso. Aí mais duas usinas do MT copiaram o modelo e instalaram linhas de milho na sua produção e isso mostrou que no Brasil seria possível abrir campo para essa



DIVULGAÇÃO

No Brasil, na segunda quinzena de janeiro de 2018, o milho respondeu por 60% do total produzido





“Temos um potencial enorme para a produção de etanol de milho no país, então por que não produzir?”, pergunta

indústria de etanol de milho. O outro motivo é a nova política de preços da Petrobras, que acabou com o controle do preço da gasolina, deixando o etanol mais competitivo.” Ricardo observa que o programa de governo RenovaBio que foi sancionado, será um incentivo ainda maior para os biocombustíveis. “Vejo que daqui uns seis, sete anos, haverá um campo muito grande a ser abastecido com etanol.”

Glauber Silveira da Silva, Vice-presidente da Abramilho e diretor da Aprosoja, também aponta a iniciativa da Usimat como o ponta pé inicial para a produção de etanol de milho no Brasil, salientando que sua produção se tornou mais viável uma vez que houve o descolamento do etanol da gasolina, cujos preços eram controlados pelo governo. “Há quatro anos, o preço do etanol vendido na usina era de

R\$ 1,12 foi para R\$ 1,90. Houve um incremento de 80% do valor do etanol. Antes, não era nada viável produzir etanol, nem de cana nem de milho.”

No caso da produção de etanol com o milho, Glauber diz que soma-se ao faturamento os ganhos com a comercialização do DDG (grãos secos por destilação, na sigla em inglês), cuja a demanda por esse farelo de milho pela suinocultura, avicultura piscicultura e pecuária é grande. Cada tonelada de milho produz 420 litros de etanol e 220kg de DDG. “O ganho líquido por uma tonelada de milho para a produção de etanol + DDG fica em torno de R\$ 280,00, no caso da cana o faturamento líquido é de R\$ 60,00.

Produzir etanol com milho nas regiões produtoras do grão ficou muito mais viável, na opinião de Glauber. “O Brasil produz hoje 40 milhões de toneladas a mais do que consome, ou seja, está sobrando milho no mercado, principalmente no Centro-Oeste, que tem o milho mais barato do mundo. A previsão, até 2030 e que o Brasil precisará produzir até 20 bilhões de litros de etanol a mais e isso gera a oportunidade para o etanol de milho. Com milho sobrando, não precisa aumentar a área de cana, deixando de investir cerca de R\$ 7 mil por hectare no plantio.”

Ricardo Tomczyk destaca o grande investimento para a instalação de uma planta para a produção de etanol de cana-de-açúcar. “Hoje, não tem cana sobrando.



25ª FEIRA INTERNACIONAL DE TECNOLOGIA AGRÍCOLA EM AÇÃO

AGRISHOW



A mais
COMPLETA
feira do agronegócio

COMPRE COM
DESCONTO
SEU INGRESSO NO SITE

AGRISHOW.COM.BR

 /AGRISHOW

30 ABRIL | 2018
a 4 MAIO | **DAS 8H ÀS 18H**
RIBEIRÃO PRETO - SP - BRASIL

Patrocinadores



Realizadores



Promoção & Organização

informa
exhibitions

Toda a cana plantada no Brasil é utilizada para produção de açúcar ou etanol. Então para qualquer aumento para a produção de etanol a partir da cana será preciso produzir mais cana. Para isso, precisa de mais terra e de quatro a cinco anos para ter uma cana comercialmente produtiva. Então, é muito mais fácil, barato e rápido optar por uma planta de milho. Primeiro, o investimento é muito menor, porque você não precisa plantar mais milho, o milho já tem um excedente enorme no país. A planta para produzir etanol de milho demora de um ano e meio a dois anos para entrar em funcionamento, porque é só a unidade industrial, não precisa construir

mais nada. É muito mais fácil começar um projeto novo para produzir etanol de milho do que de cana.”

Para Glauber, o RenovaBio, com a comercialização dos Créditos de Descarbo-nização (CBIO) - que serão emitidos pelas usinas (e importadores de etanol) e as distribuidoras serão obrigadas a comprá-los para atingirem suas metas de descarbonização – , viabilizará ainda mais a produção do combustível verde. “Nos Estados Unidos é produzido 58 bilhões de litros de etanol por ano, e nós produzimos 28 bilhões de litros. Mas temos um potencial enorme para a produção de etanol de milho no país, então por que não produzir?”, pergunta.

Tudo começou com a Usimat

A PRIMEIRA DESTILARIA DE ETANOL DE MILHO DO BRASIL
COMEÇOU COMO FLEX, HOJE É COMPARTILHADA



A Usimat era uma destilaria de etanol de cana, a partir de 2012, passou a produzir também etanol de milho

A primeira safra da planta do etanol de milho da Usimat, em Campos de Júlio, Mato Grosso, foi em 2012. A empresa foi a pioneira a produzir etanol de milho no Brasil. A ideia surgiu devido ao baixo preço da saca de milho, na época, cotado a R\$ 7,00. “Havia milho em abundância. O preço nem pagava o frete para levar para o porto. Vislumbramos a oportunidade de produzir etanol com milho. tínhamos um amigo no Paraguai que fazia isso e pensamos em dar uma olhada. Fizemos uma visita ao Paraguai, achamos viável a produção, e resolvemos desenvolver um projeto meio similar, mas com alguns diferenciais. E deu certo. A partir daí só cresceu. É bom para o produtor de milho e para nós”, conta Vital Silva Nogueira, gerente industrial da Usimat há 13 anos.

A primeira alteração que fizeram na destilaria de cana foi na parte de recepção dos grãos, montou-se o silo de armazenamento, a plataforma de recebimento do milho. Segundo Vital, para a instalação da planta de etanol de milho, em equipamentos novos, a empresa investiu na recepção de grãos, na parte de moagem e cozimento e a parte da secagem do DDG. O resto foi tudo adaptado pela própria usina para trabalhar com o milho, como: caldeira para geração de energia, tratamento d’água e resfriamento d’água, dorna de fermentação, aparelhos convencionais de destilação. “O investimento, do início até hoje, foi de R\$ 45 milhões na planta de mi-

USIMAT



É bom para o produtor de milho e para nós”, conta Vital Silva Nogueira, gerente industrial da Usimat há 13 anos

lho. Valor baixo, comparado com uma unidade de etanol de cana. Atualmente, nossa planta mói 1200 a 1300 toneladas de milho por dia e tem capacidade para produzir de 480 mil a 520 mil litros por dia de etanol de milho.”

Vital explica que o processo de produção de etanol de milho é o seguinte: “Recebemos o milho, fazemos a moagem e cozimento, adequamos as dornas de fermentação, segue para as colunas de destilação para fermentar essa massa e destilar normal. Após a destilação, enquanto a vinhaça da cana vai para fertirrigação, a do milho é separada a parte sólida, que é o DDG. Para isso, construímos outro barracão e implantamos o sistema de secagem do DDG, que o centrifuga através do



decanter e centrifugas horizontais. No final, temos uma ração com 32% a 35% de proteína.”

De destilaria flex à compartilhada

A partir de 2017, a destilaria da Usimat deixou de ser flex – moía seis meses

alizer esse sistema de compartilhamento, a Usimat investiu em mais dornas e conta com três aparelhos de destilação, o etanol de cana segue para um lado e o de milho para o outro. A empresa está implantando uma nova caldeira que também vai trabalhar compartilhada.

Com a nova caldeira, a moagem de



USIMAT

A partir de 2017, a destilaria da Usimat deixou de ser flex – moía seis meses de cana e seis meses de milho – e passou a ser compartilhada

de cana e seis meses de milho – e passou a ser compartilhada, aumentando o ganho de produção. Funciona assim: durante a safra canavieira, é reduzida a quantidade de cana que vai para a moagem e mói-se o milho junto. Melhorando-se o resultado. Quando termina a colheita da cana, passa-se integralmente para o milho. Para re-

milho por dia, vai passar de 1200 toneladas para 1900 toneladas e a produção de etanol/dia vai de 500 mil litros para quase 800 mil litros. A produção de cana da Usimat é de 600 mil toneladas. Em 2017, a empresa produziu 140 milhões de litros de etanol, sendo 90 milhões com o milho e 50 milhões com a cana. Hoje, o milho pro-

Renovamos nossa marca. Renovamos nossa energia. Renovamos nosso compromisso.

A partir de hoje, a Odebrecht Agroindustrial passa a se chamar **Atvos**. Mas o que isso significa? Na prática, é muito mais do que uma nova marca. É um jeito mais sustentável e renovável de pensar o amanhã de todos.

Nosso amanhã começou,
agora somos **Atvos**.



atvos.com

 /somosatvos

 @somosatvos

 Atvos

**A unidade funciona
350 dias por ano**

duz o dobro da cana.

A unidade funciona 350 dias por ano, porque tem apenas uma caldeira, e é preciso para por 15 dias para fazer a manutenção. Mas, a partir de abril, entra em funcionamento a segunda caldeira, aí não haverá mais nem essa parada. O restante da manutenção, de acordo com Vital é assim: na parte de cana é normal, no fim da safra é realizada a manutenção. Nas demais áreas, as paradas são programadas. “Mas na medida em que passamos a operar por mais tempo com a fábrica, até o custo de manutenção abaixou, porque paramos de desmontar tudo. Percebemos que, quanto mais efetivos os equipamentos, menos problemas eles têm dado. Melhorou muito nesse aspecto.”

**Vantagens e
desvantagens do milho**

Vital informa que, uma tonelada de



USIMAT

milho na Usimat resulta de 395 a 405 litros de etanol hidratado, enquanto que uma tonelada de cana gera de 85 a 88 litros. A tonelada de milho ainda propicia de 180 a 200 kg de ração de alto valor proteico, o DDG. Um lucro extra. A empresa vende o DDG a granel, segue 100% para pecuária da região e Rondônia.

“É claro que o milho não tem a energia que a cana tem. A vantagem da cana é que ela te dá um excedente de bagaço, barateia o custo da produção do etanol de milho. Como a nossa biomassa de cana não é suficiente para os seis meses de produção de etanol de milho, compramos biomassa de outras usinas da região e cavaco de madeira. Fazemos um mix de

bagaço + cavaco, além do cavaco puro para secar o DDG”, diz Vital. Para ele, o ponto negativo do milho é não gerar biomassa. “Mas em valores de rendimento, con-



**A Usimat passará a produzir por dia
800 mil litros de etanol de milho e de
4 mil a 4500 litros de etanol de cana**

versão, o milho é bem melhor de se trabalhar, mais rentável. É uma planta mais estável operacionalmente, não tem oscilações igual a cana tem. É uma planta fácil de conduzir e com eficiência bem controlada. Oscila muito pouco. Não vejo desvantagens. Talvez uma planta autônoma gaste mais energia, porque vai ter que por evaporação e dar um fim na vinhaça. Para isso, precisa investir em um evaporador para secagem, é um equipamento meio caro, mas em compensação propicia de 50kg a 80kg a mais de DDG. Então o custo-benefício é pago.”

Outra vantagem do milho, salienta Vital, é que pode ser armazenado por lon-

gos períodos. Se o preço estiver melhor, você para a fábrica e comercializa seu milho, depois compra milho mais barato. É possível ganhar nas duas pontas. Já fizemos isso. Então se trabalhar bem o milho ele é imbatível em relação a cana.”

A Usimat viu no milho a oportunidade de aumentar os lucros. “Foi o que alavancou a empresa. Não tenho dúvida disso. Tanto que passaremos a produzir por dia 800 mil litros de etanol de milho. Já com a cana será de 4 mil a 4500 no máximo. Mas pretendemos continuar com a cana em função de sua biomassa. É o casamento perfeito: milho e cana”, garante Vital.

FS Bioenergia a primeira usina a produzir etanol 100% com milho no Brasil

EMPRESA ANUNCIA DUPLICAÇÃO DA PLANTA E PREVISÃO DE 30% DE CRESCIMENTO NO MERCADO DE ETANOL EM 2018

Em 2017, o Brasil ganhou a sua primeira usina de etanol 100% de milho. A FS Bioenergia, resultado de uma parceria entre a Tapajós Participações S/A e o Summit Agricultural Group, sediado nos EUA, a companhia foi criada para produzir etanol e coprodutos do cereal na cidade de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso.

A planta, inaugurada em agosto de

2017, apresenta bons resultados e desenvolvimento, surpreendendo positivamente tanto nas vendas de DDGS e etanol quanto na distribuição dos mesmos. O balaço é tão positivo que, em fevereiro de 2018, a FS Bioenergia anunciou a duplicação da planta de Lucas do Rio Verde. Com obras já iniciadas, a companhia realizará um investimento de R\$350 milhões, gerando 720 empregos diretos e indiretos





DIVULGAÇÃO

Planta da FS Bioenergia, em Lucas do Rio Verde, inaugurada em agosto de 2017, já será duplicada

na ampliação.

“Somos pioneiros na produção de etanol 100% do milho no Brasil e estamos extremamente satisfeitos com os resultados que obtivemos desde a inauguração da planta. Com a ampliação da usina poderemos acompanhar a crescente demanda por nossos produtos, além de colaborar ainda mais com o desenvolvimento econômico e social do estado do Mato Grosso e do País”, afirma Henrique Ubrig, presidente da FS Bioenergia

Com a ampliação da planta, a previsão é que sejam moídas 1 milhão e 300 mil toneladas de milho por ano, levando a uma produção anual, após o término das obras, de 530 milhões de litros de etanol, 400 mil toneladas de farelo de milho, 15 mil toneladas de óleo de milho e capacidade de cogeração de energia de

132MW/h, suficiente para abastecer uma cidade de cerca de 55 mil habitantes.

“Com a produção do farelo de milho, o chamado DDG (grãos secos por destilação, na sigla em inglês), há um aproveitamento de 100% da matéria-prima utiliza-



DIVULGAÇÃO

“Somos pioneiros na produção de etanol 100% do milho no Brasil e estamos extremamente satisfeitos com os resultados que obtivemos desde a inauguração da planta”, diz Henrique Ubrig

da na planta, tornando-a sustentável, além de rentável em diversas frentes de mercado. Ainda com foco em sustentabilidade e meio ambiente, a FS Bioenergia participará da formação de uma floresta de 30 mil hectares de eucaliptos plantados a fim de assegurar o fornecimento de biomassa, principal fonte de energia das instalações da companhia”, observa Henrique.

A planta conta com equipamentos de última geração, que opera por meio de um

Grossense de Economia Aplicada (IMEA), o faturamento bruto de 10 milhões de toneladas de milho exportadas é de R\$ 2.7 bilhões, e o Estado não tem arrecadação devido à isenção de ICMS das exportações de commodities. Com a transformação desse cereal em etanol, o valor – incluindo subprodutos e cogeração de energia – subiria para R\$ 12.5 bilhões. O milho que abastece a FS Bioenergia, vem tanto da safra como da safrinha.

A inauguração da planta da FS Bioenergia, em agosto de 2017, contou com a presença do presidente da República, Michel Temer, do ministro da Agricultura, Blairo Maggi



IMPrensa DO PLANALTO

circuito fechado. Para trabalhar com essa tecnologia, a FS Bioenergia capacitou todos os funcionários da planta, investindo no desenvolvimento do seu capital humano e agregando valor à mão de obra local.

A FS Bioenergia compra milho de produtores locais. Henrique Ubrig diz que a empresa atua na destinação de parte do grande excedente de milho no estado do Mato Grosso. O executivo salienta que, de acordo com estudo do Instituto Mato-

FS Bioenergia produz o ano todo

A Unidade produz o ano todo e a produção é de 240 milhões de litros de etanol por ano. Segundo Henrique, as vantagens do milho para a produção de etanol estão no volume de produção – 1 tonelada de milho rende 420 litros de etanol – e no armazenamento, uma vez que o milho pode ser estocado e armazenado por longo tempo, o que possibilita à empresa pro-





A unidade dispõe de dois armazéns com capacidade para estocar 120 mil toneladas de milho ou 60mil toneladas cada

duzir etanol durante o ano inteiro. A unidade dispõe de dois armazéns com capacidade para estocar 120 mil toneladas de milho ou 60mil toneladas cada. “Além disso, a sua fabricação produz zero efluentes, tendo um ciclo contínuo de água e reutilizando tudo dentro do próprio ciclo de produção, que é fechado. E o etanol como produto final não difere do produzido da cana-de-açúcar.”

A FS Bioenergia comemora o mercado atrativo do farelo de milho, o chamado DDG (grãos secos por destilação, na sigla em inglês). A produção atual é de 180 mil toneladas de DDG, com a ampliação irá para 400 mil toneladas. Com a produção do farelo há um aproveitamento de 100% da matéria-prima utilizada na planta, tornando-a sustentável, além de rentável em diversas frentes de mercado. A companhia, ainda, participará da formação de uma floresta de 30 mil hectares de eucaliptos plantados a fim de assegurar o for-

necimento de biomassa, principal fonte de energia das instalações da companhia.

Henrique salienta que a FS Bioenergia considera o etanol de milho como complementar ao etanol de cana, porque ajuda a suprir a demanda durante a entressafra da cana. E que, com os dois tipos é possível ter combustível o ano todo para atender à demanda crescente. Na visão da empresa, será uma tendência novas plantas de etanol de milho. “No médio prazo teremos produto, logística e uma tradição do etanol de milho que ainda não temos”, diz.

FS Bioenergia anuncia sua segunda planta de produção de etanol de milho, será em Sorriso, MT

Neste mês de fevereiro, uma semana após divulgar a duplicação de sua unidade em Lucas do Rio Verde, a FS Bioenergia anunciou a implementação de sua segun-

Vem aí o...

VII Encontro



O setor sucroenergético na visão das mulheres

O Encontro Cana Substantivo Feminino debate ações para aumentar a presença feminina no mundo da cana-de-açúcar e também abre espaço para as mulheres expressarem suas sugestões e experiências para o desenvolvimento sustentável do setor.

O Encontro Cana Substantivo Feminino já se tornou tradição no setor, é o palco onde desfilam proprietárias de usinas, diretoras, superintendentes, gerentes, coordenadoras, engenheiras, administradoras de empresa, assistentes sociais, psicólogas, pesquisadoras, professoras, jornalista,



As mulheres invadem o Centro de Cana do IAC

economistas, produtoras rurais, estudantes, operadoras de máquinas agrícolas, de colhedoras de cana, motorista de rodotrem, profissionais de venda, enfim, mulheres que atuam na agroindústria sucroenergética e no agronegócio.



O VI Encontro Cana Substantivo Feminino, realizado em março de 2017, contou com a participação de 337 profissionais, provenientes de cinco estados e 27 cidades



O Encontro Cana Substantivo Feminino reúne conhecimento, eficiência e muito charme

Não perca o VII Encontro Cana Substantivo Feminino!

22 de março de 2018 no Centro de Cana do IAC em Ribeirão Preto, SP

Inscrições Grátis, mas limitadas!

www.canasubstantivofeminino.com.br

REALIZAÇÃO:

CanaOnline®


Paiva & Baldin
EDITORA

da planta no Brasil, no momento em fase de licenciamento que antecede a construção. Localizada em Sorriso, Mato Grosso, a unidade terá um investimento de R\$ 1 bilhão, irá gerar mais de 1.500 empregos diretos e indiretos, e tem uma produção prevista de 680 milhões de litros de etanol por ano.

Com uma área maior do que a primeira planta de etanol, localizada em Lucas do Rio Verde, a usina ampliará a atuação da FS no estado do Mato Grosso e no Brasil, produzindo mais que o dobro de etanol, DDGS e energia. Com capacidade de armazenar 400 mil toneladas de milho, a previsão é que sejam utilizadas 1.8 milhão de toneladas do grão por ano para uma produção anual de 500 mil toneladas de farelo de milho e 20 mil toneladas de

óleo de milho.

Considerando as duas usinas combinadas (Lucas do Rio verde após a expansão e Sorriso), a FS Bioenergia terá capacidade de produção de 1.2 bilhão de litros de etanol, 900 mil toneladas de farelo de milho e 35 mil toneladas de óleo de milho por ano.

A utilização da biomassa será proveniente de uma floresta de 30 mil hectares de eucaliptos plantados, a ser formada com a colaboração da FS Bioenergia, a nova fábrica terá uma capacidade prevista de cogeração de energia de 170 mil MWh por ano, suficiente para abastecer uma cidade de cerca de 70 mil habitantes.

A localização da segunda unidade da FS Bioenergia é estratégica e foi escolhida com base em estudos e estratégia de ne-



Sorriso, em Mato Grosso, será sede da segunda unidade da FS Bioenergia no Brasil

gócios. “A região de Sorriso e o estado do Mato Grosso, como um todo, são extremamente importantes e estratégicos para a FS Bioenergia, e estar próximo desses produtores de Sorriso nos dará ainda mais insumo para inovar e continuar produzindo com a qualidade que buscamos. Além disso, queremos ser a oportunidade de compra de milho e biomassa confiável e de qualidade para esses produtores”, afirma Henrique Ubrig.

A cidade de Sorriso, no Mato Grosso, reconhecida como a capital brasileira do agronegócio, é a maior produtora de soja e milho do Brasil e o 5º maior criador de peixes no Brasil. Está entre os 30 maiores exportadores do País e é a 5ª economia do Mato Grosso.

A FS Bioenergia prevê que crescimento do consumo de etanol no Brasil tende



Sorriso é a maior produtora de soja e milho do Brasil

a continuar forte neste ano, com uma expectativa de aumento de 30%, segundo o Banco Pine. “Um reflexo desse cenário é a aprovação do programa RenovaBio, em dezembro do ano passado”, observa Henrique. “Por meio dessa movimentação de mercado, a FS Bioenergia reforça seu compromisso de ajudar a atender à crescente demanda pelo combustível no País e se aproximar ainda mais do principal estado produtor de milho do Brasil (Mato Grosso).”

CerradinhoBio investirá R\$ 280 milhões na produção de etanol de milho

COM O PROJETO, A EMPRESA CONSOLIDARÁ SUA UNIDADE DE PRODUÇÃO COMO O MAIOR COMPLEXO PRODUTOR DE BIOENERGIA DA AMÉRICA LATINA

A Cerradinho Bioenergia SA, localizada em Chapadão do Céu, GO, é a primeira das consideradas grandes unidades sucroenergéticas - na safra 2016/17, processou 5,061 milhões de toneladas de cana-de-açúcar -, a anunciar

que passará, também, a produzir etanol por meio do milho. O comunicado da empresa aconteceu no começo de fevereiro, divulgando tratar-se da implantação de uma planta produtora de etanol de milho que utilizará as melhores tecnologias



existentes internacionalmente para diversificar sua fonte de matérias-primas e, a partir do milho, produzir biocombustível e produtos para alimentação animal.

O investimento de R\$ 280 milhões aumentará a produção de etanol em 230.000 m³, equivalente a 50% da capacidade atual, consolidando a usina como o maior complexo industrial de produção de bioenergia da América Latina.

toda a infraestrutura e conhecimento do ambiente de produção.

A nova planta também produzirá óleo e DDGs (Dried Distillers Grains with Solubles), produtos que recuperam 100% das fibras, proteína e gordura contidas no milho, e que serão destinados ao mercado de nutrição animal, ampliando assim o portfólio de produtos da empresa. As tecnologias e processos aplicados as-



DIVULGAÇÃO CERRADINHO BIO

Na CerradinhoBio, as plantas de etanol de milho e de cana trabalharão paralelamente em todos os momentos

O projeto de expansão prevê uma ocupação de 190 mil metros quadrados, situados ao lado do atual parque da CerradinhoBio, em Chapadão do Céu, sudoeste de Goiás. A localização foi estrategicamente pensada para que haja sinergia com as operações já existentes de produção de etanol a partir da cana-de-açúcar, especialmente na utilização de insumos-chave, como energia e vapor, somada a

segurarão que a nova fábrica opere sem a geração de qualquer tipo de resíduo, transformando toda a matéria-prima e insumos em produtos.

Com previsão de 14 meses, a obra empregará mais de 500 pessoas e outros novos 50 postos de trabalhos serão gerados com o início operacional da planta, previsto para maio de 2019. Após inaugurar em 2017 a ampliação da cogeração de

Evoluindo a forma de plantar

PLANTADORA DE CANA AUTOMATIZADA

TT8022 INTELIGENTE

A mais nova tecnologia
do mercado no plantio
de cana de açúcar.


W www.ttdobrasil.com

f [TTdoBrasilLtda/](https://www.facebook.com/TTdoBrasilLtda/)



Doble TT do Brasil Ltda.

Rod. Juliano Lorenzetti km 8,93 - D. Ind II - 18685-745 - Lençóis Paulista - SP - Brasil

Tel: +55 (14) 4105-0515 - Cel: +55 (14) 98200-3125 

vendas@ttdobrasil.com - www.ttdobrasil.com



**O milho será
fornecido por
produtores da
região e também
de Mato Grosso**

energia – tornando-se a maior termelétrica de energia a biomassa do Brasil, com capacidade de exportação de energia de 850 GWh/ano e potência instalada de 160 MW, o projeto de etanol de milho confirmará a CerradinhoBio como referência em bioenergia no país.

Renato Pretti, gerente de Projetos da CerradinhoBio, informa que o milho não será produzido pela empresa. “Temos uma condição geográfica privilegiada, em uma região que produz 2 milhões de toneladas de milho, somado a isto, conseguiremos originar milho no MT. O milho exportado de lá passa na porta da nossa usina.” Com



a introdução do milho, a CerradinhoBio irá produzir etanol o ano todo, mas mesmo sem o milho, a empresa quase alcança esse feito. “Hoje, apenas com a cana-de-açúcar conseguimos moer em 11 meses, fazendo um adequado manejo agrícola e uma boa manutenção aliada a investimentos em equipamentos-reservas críticos.”

O etanol de milho da CerradinhoBio reduzirá aproximadamente 70% das emissões de GEE (Gases de Efeito Estufa)

Na CerradinhoBio, as plantas de etanol de milho e de cana trabalharão paralelamente em todos os momentos.” Nosso projeto não é de uma planta flex, que compartilha processos com a cana, como fermentação e destilação. Logicamente haverá sinergias importantes, como a venda de energia e vapor da unidade de cana para a unidade de milho”, diz Renato. Segundo ele, não há nenhuma diferença entre os produtos. O etanol de milho atende-



DIVULGAÇÃO CERRADINHOBIO

“Temos uma condição geográfica privilegiada, em uma região que produz 2 milhões de toneladas de milho”, salienta Renato Pretti

rá todos os requisitos da ANP. Mas haverá tanques dedicados ao etanol de milho.

Sobre o mercado de DDG (grãos secos por destilação, na sigla em inglês), Renato diz ser muito maduro nos EUA, inclusive com exportações constantes para a Ásia. “Pela novidade da indústria de etanol de milho no país, é natural que tenhamos um período de evolução para consolidação do produto. Padronização, qualidade, segurança e um constante suprimento são fatores fundamentais para conquistarmos a demanda”.

Para a CerradinhoBio, a cana e o milho serão matérias-primas complementares e importantes para a garantia de suprimento de combustíveis no país e também para atingirmos nossas metas de descarbonização. Cada matéria-prima tem seu

espaço e será mais competitiva a depender da região.

Em relação ao etanol da cana ser mais sustentável que o do milho, Renato explica que, utilizando como base estudo publicado pelo BNDES em parceria com o CTBE, EMBRAPA, PECEGE e USP/IEE, uma planta de milho similar à da CerradinhoBio, que utilizará energia e vapor produzidos através de biomassa, reduzirá aproximadamente 70% das emissões de GEE (Gases de Efeito Estufa) em relação à gasolina, número muito similar à cana-de-açúcar. “É muito importante ressaltar que esta é uma particularidade do Brasil e da nossa planta, que terá fonte renovável e limpa. Nos EUA o etanol de milho reduz bem menos, entre 20 e 40%, pela utilização de gás como fonte térmica.”



Para a CerradinhoBio, a cana e o milho serão matérias-primas complementares



O executivo explica também que o projeto da CerradinhoBio é construído por algumas condições especiais que juntas resultam em um case muito particular para a Cerradinho: (i) Região com altas produtividades, proximidade com a produção de milho e capacidade de originação em GO, MS e MT; (ii) Logística eficiente para escoamento de etanol para o maior centro con-

sumidor (estado de SP), com terminal de transbordo ferroviário próprio; (iii) potencial mercado de DDG na região, atendendo confinamentos e fábricas de rações, além disso, será competitiva em vender DDG para o Sul e Sudeste; (iv) Sinergia com os ativos de geração de energia e vapor da usina de cana, além da familiaridade com todo o ambiente de produção.

Mato Grosso será o maior produtor de biocombustível do mundo

ESTA É A PREVISÃO DE JORGE DOS SANTOS,
DIRETOR-EXECUTIVO DA SINDALCOOL-MT



Mato Grosso é o maior produtor de milho do Brasil

O Estado de Mato Grosso é o maior produtor de milho do Brasil, na safra passada produziu 30 milhões de toneladas, o consumo no estado

é estimado em quatro toneladas. Aproximadamente, 18 milhões de toneladas são exportadas para outros países. "A logística é sofrível, seja para chegar em Santos ou



“Todas vão migrar para o etanol de milho”, prevê Jorge

Paranaguá. O produtor vende a saca por R\$ 14 e paga R\$ 18 de frete para chegar no porto”, conta Jorge dos Santos, diretor-executivo da Sindalcool-MT

Mas por que que a produção de milho não cai? “Primeiro porque ela é uma rotação de cultura necessária à soja. Segundo que é uma forma de aproveitar a estrutura que está ociosa: terra, trator, plantadeira, colheitadeira, mão de obra, então se empatar é lucro. Melhor do que deixar a terra vazia”, responde Jorge.

Para a manutenção da grande produção de milho, o diretor-executivo da Sindalcool-MT também cita o potencial agropecuário de Mato Grosso. “Temos o maior rebanho bovino do país: 30 milhões de cabeças. Estamos indo no mesmo caminho para suinocultura, avicultura e produção de peixes. O milho gera um subproduto quando processado que é o DDG, que, dependendo da fabricação, apresen-

ta até 46% de proteína e é muito mais barato, rivalizando com a soja. Os produtores resolveram agregar valor. Transformar o milho em ração. Uma tonelada de milho gera 280 kg de DDG, nas mais variadas concentrações de proteína, para confinamento de gado e suíno e peixes. Só que a produção de DDG também gera um subproduto, que é o etanol: 400 litros por tonelada em média.”

Do início da safra 2017/18 até 31/12, o MT produziu 1,3 bilhão de litros de etanol. Deste montante, de milho foi 230 milhões. “Porém a produção de etanol de milho é praticamente apenas de novembro e dezembro. Porque só uma unidade produz concomitante, o resto é só na entressafra. Quem produz o ano inteiro é a Libra e a FS Bioenergia, mas a FS começou em agosto”, salienta Jorge.

Escoar a produção de etanol tornou-se um desafio para Sindalcool-MT. “O mercado é pequeno aqui. O mesmo acontece no entorno: Acre, Rondônia e Amazonas. Então buscamos todas as alternativas de logística para que o etanol possa chegar aos mercados consumidores. Nos últimos dias, estive no RJ em uma reunião com a Logum, que é a operadora do etanolduto, que já está em Uberaba, para saber sobre seus planos para o MT. O etanolduto é a redenção em termos de logística.”

Mato Grosso conta com três usinas que produzem etanol de milho, no sistema flex (cana e milho): Usimat, Libra e Por-





Agronegócio em Mato Grosso



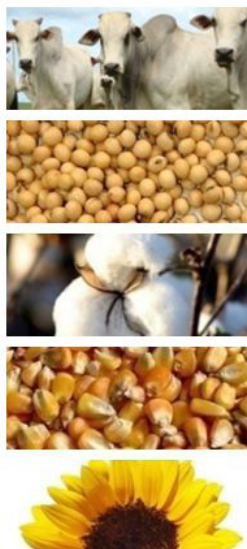
Área
903.378,29 km² (3^o maior)

População
3,224 milhões (1,6% do Brasil)

Taxa de crescimento do PIB: 9,9%

Mato Grosso no ranking brasileiro

1^o

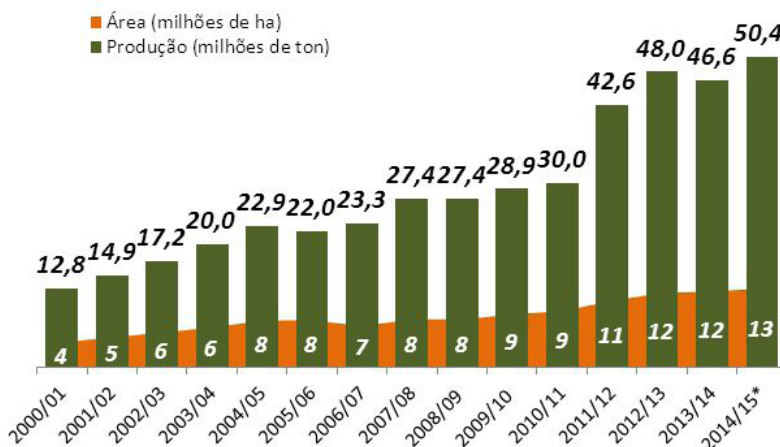


*Estimativa
Fonte: CONAB, IBGE e Imea

O grande potencial agrícola de Mato Grosso

to Seguro. “A Libra e a Usimat funcionam concomitante o ano inteiro. A Porto Seguro só na entressafra. E tem uma unidade full, exclusiva de milho, que é a FS Bioenergia, que começou a operar em agosto do ano passado e que já está dobrando a produção de 240 milhões para 500 milhões de litros. Outra indústria vai se instalar em Sinop, começa a construção em março também nesse nível: 500 milhões de litros. Tem a Etamil que também deve começar em 2019 em torno de 200 a 300 milhões de litros. Há um outro projeto que também vai começar a operar com esse montante. A soma do volume de produção dos projetos sérios, com licenças am-

Evolução da produção agrícola do Mato Grosso



bientais em andamento, com contratação de construção é de 1,5 bilhão de litros de etanol, que virão se somar aos outros 1,5 bilhão que já produzimos. Chegaremos aos 3 bilhões até final de 2019.”

Investimento para instalar uma planta de etanol de milho

Segundo Jorge, o investimento depende do que a unidade vai produzir. “Se for fazer só DDG e etanol, R\$ 50 milhões bastam. Mas para uma usina de etanol de milho, bem constituída, R\$ 250 milhões é o número base. Nesse caso, a produtividade será maior, haverá aproveitamen-

to do óleo, do qual 7% é óleo comestível, terá a energia para tocar a fábrica e ainda comercializar o excedente. Mas pode avançar ainda mais, chegar aos R\$ 500 milhões e produzir mel do milho, etanol para a indústria farmacêutica. À medida que vai agregando tecnologia, o custo de implantação do projeto é maior, mas proporcionará uma gama maior de produtos.”

O milho processado por todas essas unidades é adquirido de produtores. Jorge explica que é feito um contrato de fornecimento, com preços definidos e cláusulas de reajuste definido. “Isso já está funcionando a mil maravilhas. A FS, por exemplo, é 100% milho de terceiro. Não tem sentido ter lavoura própria. Na Etamil, os associados têm cana, soja, milho, gado. Foi uma decisão natural produzir etanol. Por-

que eles próprios vão consumir a produção de DDG e fornecer o milho que já produzem. Na cabeça dos produtores, o DDG é o produto e o etanol é o subproduto. O que eles querem é transformar 1 tonelada de milho em 280 kg de proteína para alimentar gado, porco, aves e peixe. Para a usina é a mesma coisa. É o mix que viabiliza. Para ser viável, é preciso somar a rentabilidade do DDG e do etanol.”

O problema hoje do etanol de milho é a energia, observa Jorge. “O DDG sai com 70% de umidade, é preciso secar para 14%, se não apodrece em três dias. Para que isso não ocorra, há duas alternativas: ter um confinamento ao lado para que saia da linha de produção e dê para o gado comer ainda quente; ou então secá-lo. Seco ele dura a eternidade. Só que

Uma tonelada de milho produz 280 quilos de DDG





A previsão é que Mato Grosso produza 50 milhões de toneladas de milho até 2025, atualmente produz 30 milhões

para isso, precisa de vapor, aí haja energia. E o milho não fornece a biomassa, como faz a cana. Para sanar este problema, muitos estão plantando eucalipto precoce que com cinco a seis anos fica pronto, porque é a matéria-prima ideal para fazer energia para essas indústrias full. E também é bom em termos de reflorestamento, atingindo outro lado da COP 23.”

Não compete com o etanol de cana

Na visão de Jorge, não há concorrência entre o etanol de cana e do milho. “O etanol de cana continua sendo mais barato e produtivo, a diferença é que ele tem questões de tempo, na chuva a cana não pode ser retirada da lavoura e, com isso, a usina para, o milho está estocado, basta retirá-lo do silo; a cana demora de 12 a 18 meses para ficar pronta, o milho não; por outro lado, a cana é ambientalmente ex-

celente. Há espaço para os dois. E a produção de etanol de milho será fundamental para que o Brasil atenda os critérios das COP21, 22 e 23 de redução do efeito estufa e do carbono. Precisamos

chegar em 2030, produzindo 50 bilhões de litros de etanol, hoje o Brasil produz 30 bilhões. Mato Grosso fará a sua parte. Até 2019, iremos dobrar nossa produção, apostando no etanol de cana, mas principalmente no milho. O processo de produção de etanol de milho no Brasil é inextinguível. Goiás lançou também um projeto. Todas vão migrar para o etanol de milho”, prevê Jorge.

O RenovaBio, salienta Jorge, será fundamental para a expansão do etanol de milho, pois, criará uma política energética de longo prazo, definindo qual a participação do etanol na matriz energética do país, apresentando ao investidor um horizonte de pelo menos vinte anos. Ainda, segundo ele, o RenovaBio dará credibilidade ao Brasil no mercado internacional de biocombustível, podendo conquistar consumidores como o Japão. “Não temos essa confiabilidade no mercado internacional.



Vender estes carrões é fácil, ainda mais com um site deste.



RGB Comunicação conquista **prata** no **Fest Digital 2017** na **categoria site institucional**. O concurso é organizado pela **APP** e tem em seu júri técnico as referências nacionais da publicidade. Este ano foi 100%. 1 inscrição e 1 prêmio. Prometemos voltar com muito mais em 2018.



Resolvida essas questões, o céu é o limite.”

O Diretor-Executivo da Sindalcool-MT não tem dúvidas de que Mato Grosso virá a ser o maior produtor mundial de biocombustíveis. A expectativa e previsão dos produtores locais é que o estado produza 50 milhões de toneladas de milho

até 2025. “Temos o problema de logística, mas, uma vez resolvida, nada nos segura. Terra não nos falta, capacidade técnica, gente empreendedora. Mais dois anos no máximo, nós dobramos a produção de etanol de milho. Quem consegue fazer isso no país?”, pergunta.

Os Estados com maior potencial para a produção de etanol de milho

*MATO GROSSO DEVE LIDERAR,
MAS ATÉ SÃO PAULO TERÁ
CONDIÇÕES DE INVESTIR NA
PRODUÇÃO DE ETANOL DE MILHO*

A produção de milho no Brasil está em torno de 85 milhões de toneladas. “No mercado interno ficam 55 milhões e o restante é importado. No ano passado, produzimos 92 milhões de toneladas, e exportamos 34 milhões. Com a produção de etanol com o milho, tende a cair a exportação. O que é muito bom, porque a tonelada de milho exportada gera R\$ 270,00. Quando essa tonelada segue para a produção de etanol, a geração de renda é muito maior, só com o biocombustível, o ganho é de R\$ 800, mais a produção do DDG (grãos secos por destilação, na sigla em inglês, ou farelo de milho) o total chega a R\$ 1.000. Ou seja, gera-se quatro vezes mais receita deixan-



A produção de milho no Brasil está em torno de 85 milhões de toneladas

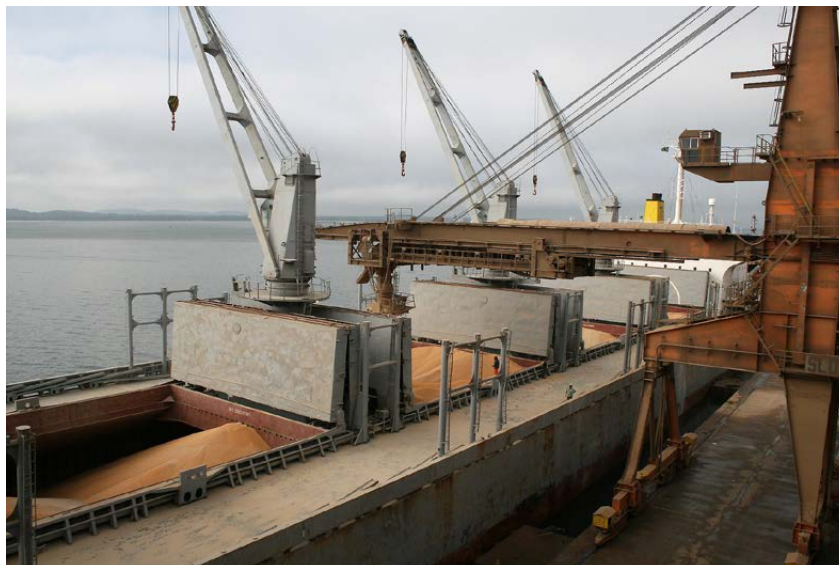
O Brasil exporta por ano quase 30 milhões de toneladas de milho

do o milho aqui e o industrializando”, salienta Glauber Silveira da Silva, Vice-presidente da Aproxojo e diretor da Aprosoja.

Frente a esse cenário, Glauber defende que a melhor alternativa para o produtor de milho é a produção de etanol e que esse processo será crescente. “Mas não vamos pegar todo o milho e transformar em etanol. Não é assim. Tem que ser um crescimento calmo, sólido e ordenado. É dessa forma que vem ocorrendo. Hoje, no Mato Grosso, temos três usinas flex, uma usina full e, em 2019 mais três usinas serão implantadas: uma em Sinop, outra em Mutum e outra em Deciolândia. Sem falar das usinas de cana instaladas aqui e que devem se transformar em flex ou que operam o ano inteiro com ambas as produções. O MT, nos próximos cinco anos, já deve produzir de três a quatro bilhões de litros de etanol de milho.”

Outros estados que também poderão produzir etanol de milho

A produção do etanol de milho, na visão de Glauber, acontecerá, principal-



mente nos estados onde há sobra de milho e onde o grão está mais barato. Ele cita como exemplo, além de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás. Mas salienta que até mesmo São Paulo, que não é grande produtor, poderá investir no etanol de milho, porque o grão passa pelo estado. Além disso, as usinas paulistas têm sobra de bagaço de cana e terão energia para produzir o etanol de milho na entressafra, reduzindo o custo de produção.

“Em São Paulo, o milho custa entre R\$ 26 a R\$ 30 a saca de 60 quilos e em Mato Grosso está entre R\$ 16 a R\$ 17. No primeiro momento, pensamos que esse maior valor inviabiliza a produção paulista, no entanto, eles têm energia, logística, maior consumo de etanol e a remuneração do DDG é o dobro de Mato Grosso. Estudos apresentados mostram que, o milho no valor de até R\$ 36 é viável investir na produção de etanol e DDG em Mato Grosso. Para São Paulo, é viável o valor do milho até R\$ 42 ou R\$ 43 o milho. Então, é



possível produzir etanol de milho em quase qualquer estado”, diz Glauber.

Paraná é outro estado com potencial, pois, apresenta sobra de 8 milhões de toneladas de milho. “Cerca de 80% desse volume é exportado. Esse milho poderá virar etanol. O estado é um grande produtor e consumidor de carne, precisa do DDG para alimentação bovina e suína. E também produz eucalipto, que servirá para a geração de energia. No Paraná, preço do eucalipto, está por volta de R\$ 20 o metro³, enquanto que no Mato Grosso custa R\$ 40”, diz Glauber. Para ele, até Santa Catarina, mesmo com déficit de milho, se tiver a ferrovia ligando o estado ao Mato

Grosso, poderá a vir a ser um produtor de etanol de milho, já que o custo com o frete que hoje é de R\$ 14 passaria para R\$ 5. Com isso, o milho que estaria R\$ 16 no MT chegaria por R\$ 21 em SC. “E o estado é grande consumidor de DDG e de etanol. Primeiramente, o local mais viável é o MT. Mas num segundo momento, acredito que as usinas de cana de SP, GO, MS todas se tornarão flex, porque é uma questão de baixar o custo e dobrar a produção sem plantar cana.”

No entanto, Glauber observa ser fundamental a realização de estudos de viabilidade econômica, pois mesmo em Mato Grosso, há regiões sem potencial para a pro-



A implantação de ferrovias será grande aliada à produção de etanol de milho: levará o grão com menor custo para todos os cantos do Brasil

PROGRAME-SE!

CONFIRA NOSSOS EVENTOS EM 2018



DIAS 21 E 22 DE MARÇO



DIAS 16 E 17 DE MAIO



DIAS 04 E 05 DE JULHO



DIAS 05 E 06 DE SETEMBRO



DIAS 17 E 18 DE OUTUBRO



DIAS 05 E 06 DE DEZEMBRO

PARTICIPE DOS EVENTOS DO GRUPO IDEA

Atualizar seus conhecimentos técnicos é uma das chaves para se alcançar bons resultados e altas produtividades agrícolas.

Os melhores eventos de atualização do setor sucroenergético.

www.ideaonline.com.br



(16) 99711- 4770



/grupoidea.cana



@grupoidea.cana



@GrupolIDEA



/grupoideacana



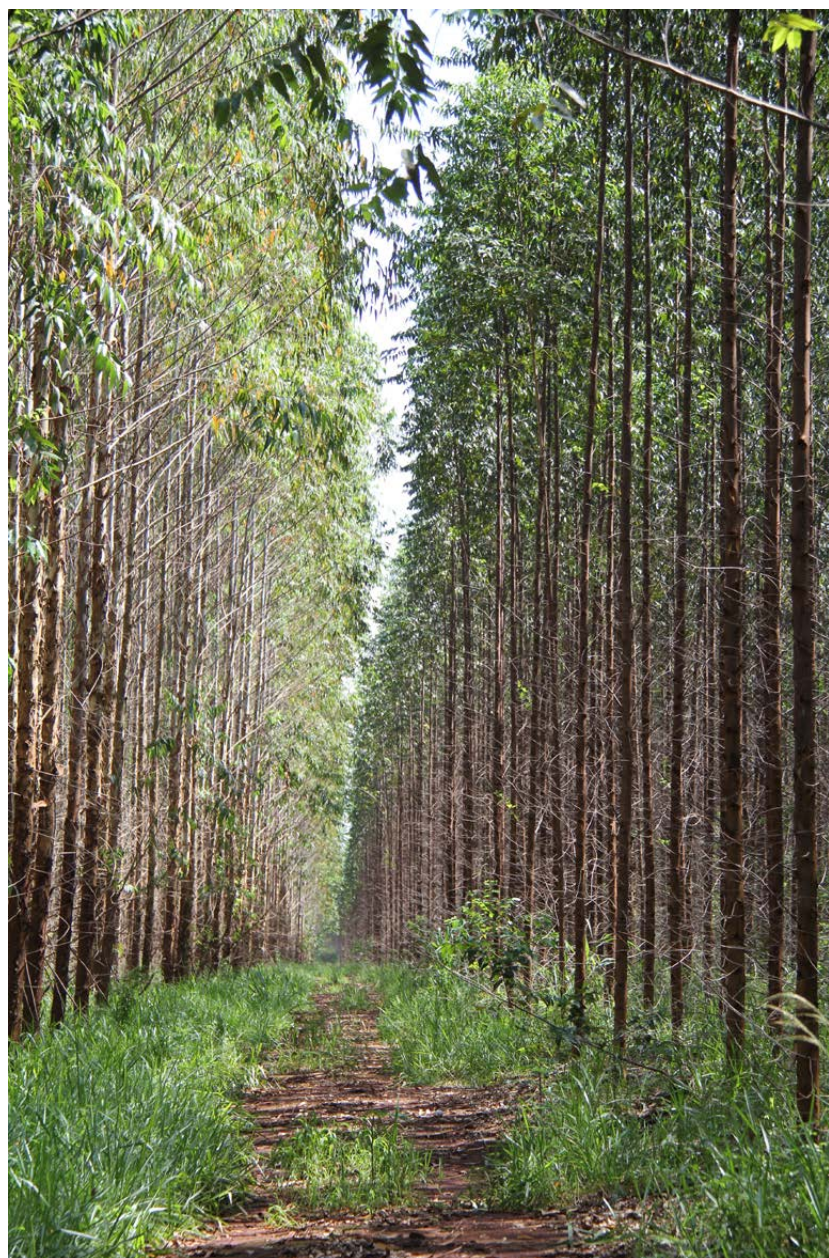
O DDG é bastante demandado na suinocultura

dução de etanol de milho. É o caso das que estão distantes da produção de biomassa, como o cavaco de madeira. “Não tem como chegar num município que não tem eucalipto e biomassa e colocar uma usina de etanol de milho. Porque até plantar o eucalipto, demora cinco anos para ele ser cortado.”

Ricardo Tomczyk, presidente da União Nacional do Etanol de Milho (UNEM), acredita que Mato Grosso terá a vanguarda na produção de etanol de milho, pelos motivos já citados na matéria. E que, provavelmente, as indústrias de cana do estado vão montar uma linha para trabalhar com etanol de milho, pois, para elas é muito viável. “As usinas full, ou seja, apenas de milho, em um primeiro momento se concentrarão apenas em Mato Grosso em função do preço da matéria-prima. Mas a produção de etanol de milho no Brasil será uma tendência. Goiás já tem duas plantas, uma já produzindo e outra iniciando os inves-

timentos, que é a Cerradinho. Mato Grosso do Sul também deve ter investimentos. Paraná já há grupos estudando a viabilidade desse projeto. E algumas usinas em São Paulo devem fazer o mesmo.”

O fato de gerar maior renda aos produtores é um grande incentivador da produção de etanol de milho, observa Glauber. “O produtor, além de vender o milho,



Quem produz etanol de milho é fundamental ter próximo uma fonte de biomassa, as florestas de eucalipto tem sido a solução para quem não tem bagaço de cana

tem a oportunidade de ser dono da usina. Pode se unir a uma associação ou cooperativa e montar uma usina como aconteceu em Deciolândia. O que acontece neste caso: se o milho está caro, o produtor não ganha na usina, mas ganha na lavoura. Se a lavoura não está valendo nada, ele perde na lavoura, mas ganha na indústria. Poderá produzir eucalipto e fornecer biomassa, ter confinamento e comprar o DDG ou fazer troca com a usina. Ele fornece o milho e recebe o DDG. Há vários arranjos produtivos que vão beneficiar o produtor.”

Para Glauber, um possível aumento do preço do milho não é uma amea-

ça à produção de etanol, pois, o milho até R\$ 33,00 a saca ainda viabiliza o processo. Hoje, o milho no MT está na faixa de R\$ 18,00. O principal entrave à expansão do etanol de milho, em sua visão, é a situação política do país. “Se o Brasil continuar no rumo da retomada de crescimento, de alinhamento das questões políticas, as coisas vão acontecer naturalmente. O que tememos é que haja uma descontinuidade desse processo e voltemos a ter pesadelos do passado, como manipulação dos preços dos combustíveis. Aí vai inviabilizar não somente o etanol de milho, como também outras cadeias.”

Com o etanol de milho, como fica o etanol de cana?

É IMPRESCINDÍVEL QUE O RENOVABIO ACONTEÇA PARA O SUCESSO DO CASAMENTO CANA E MILHO NA PRODUÇÃO DE ETANOL

Em relação à produção de etanol de milho no Brasil, a União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica), principal entidade representativa do setor, comenta que o produto vem para complementar a oferta de etanol de cana, desde que a produção atenda as mesmas especificações e obrigações. Sobre o estabelecimento do índice de redução de emissões de CO₂ do etanol de cana e do etanol de milho,

a Unica observa ser uma tarefa que compete à Embrapa no âmbito do RenovaBio.

O programa RenovaBio irá prestigiar os combustíveis mais eficientes e que mais promovem a descarbonização. Plínio Nastari, presidente da Datagro Consultoria, lembra que o etanol produzido no Brasil por meio da cana-de-açúcar é considerado avançado até nos Estados Unidos. Tem um balanço energético altamente positi-



**Cana, balanço
mais positivo**

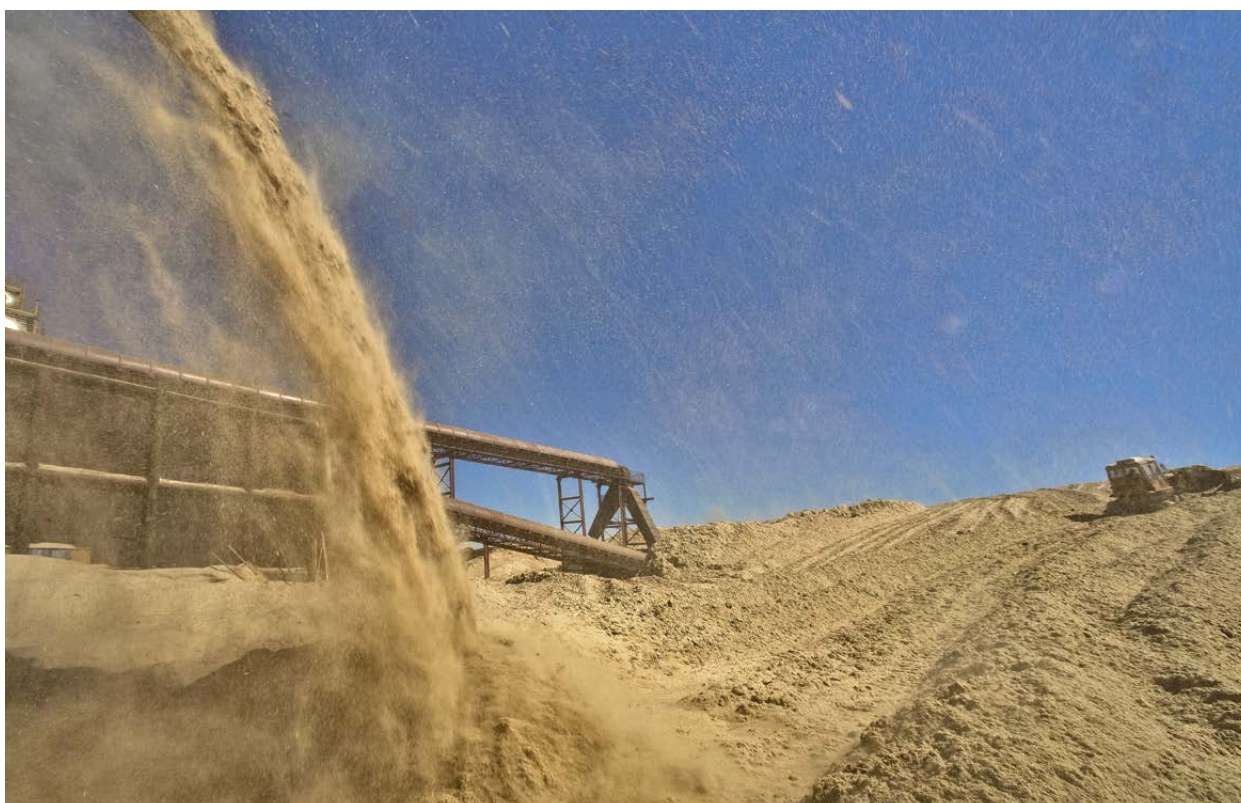
vo, de 9,1 para 1, e substitui entre 65% e 81% das emissões de CO₂ da gasolina. O etanol produzido nos EUA a partir do milho, é considerado convencional, tem um balanço energético de 1,32 para 1, e substitui apenas 35% a 40% das emissões de CO₂ da gasolina.

Assim, para que o etanol de milho brasileiro ser mais verde que seu primo norte-americano, é fundamental que utilize uma energia renovável para tocar o processo, como destaca Renato Pretti, gerente de operações da Cerradinho-Bio, na matéria sobre os investimentos da empresa em etanol de milho, que faz par-



te desse caderno.

De acordo com o pesquisador Amélio Dall'Agnol, da Embrapa Soja, o etanol, no entender dos brasileiros, se faz com cana-de-açúcar, muito mais eficiente e mais defensável desde uma perspectiva social e econômica. "Um hectare de cana produz



O bagaço move as destilarias de etanol de cana

cerca de 80 toneladas no Centro-Sul do Brasil e rende 89,5 litros de etanol/t., totalizando mais de 7 mil litros de biocombustível/ha. Já o milho, embora seja mais eficiente na produção de etanol por tonelada de produto (400 litros/t), proporciona uma produção média de etanol/ha de apenas 2.240, considerando a média da produção brasileira do grão, que é de 5,55 t/ha (97,71 Mta em 17,71 Mha). Mesmo considerando a excelente produtividade média do milho norte-americano (11 t/ha), a produção de etanol por área pouco ultrapassa a metade do etanol produzido a partir da cana no Brasil”, explica.

O Pesquisador salienta que a grande vantagem do etanol feito de milho – além de gerar o DDG, farelo de milho muito valorizado no mercado – é que o grão pode ser armazenado e utilizado à medida das necessidades da indústria, o que não acontece com a cana, que precisa ser processada logo após sua colheita. Para a produção do etanol de milho não existe entressafra, podendo ser utilizado ininterruptamente ao longo de todo o ano.

Para Dall’Agnol, tudo parece indicar que o milho será cada vez mais utilizado para a produção de etanol no Brasil, principalmente na Região Centro-Oeste, onde se concentra o maior volume de produção de milho e onde os preços são mais baixos dada a maior deficiência da logística de transporte e armazenagem.

Esse cenário de crescimento da pro-

dução do etanol de milho começa a incomodar os produtores de cana e unidades sucroenergéticas, receosos com a possibilidade de uma superprodução de etanol, o que derreteria o valor do produto. Para que isso não ocorra, é preciso que haja mercado e preço remunerador ao etanol



Será preciso que haja mercado e remuneração para o etanol de cana e o de milho

de cana e ao de milho, o que torna o RenovaBio imprescindível.

Com o programa governamental de incentivo aos biocombustíveis funcionando a todo vapor, aí sim o casamento da cana com o milho na produção de etanol será uma união feliz.



Etanol – o produto da vez

As discussões no setor sucroenergético estão ainda mais aquecidas em decorrência da aprovação do RenovaBio, uma política de Estado que busca promover a participação dos biocombustíveis na matriz energética brasileira. Tendo importância tanto sob a ótica da segurança energética, com previsibilidade de oferta para o abastecimento, quanto para mitigação de redução de emissões de gases causadores do efeito estufa no setor de combustíveis.

Para se ter uma ideia, estudos têm demonstrado que, quando comparado



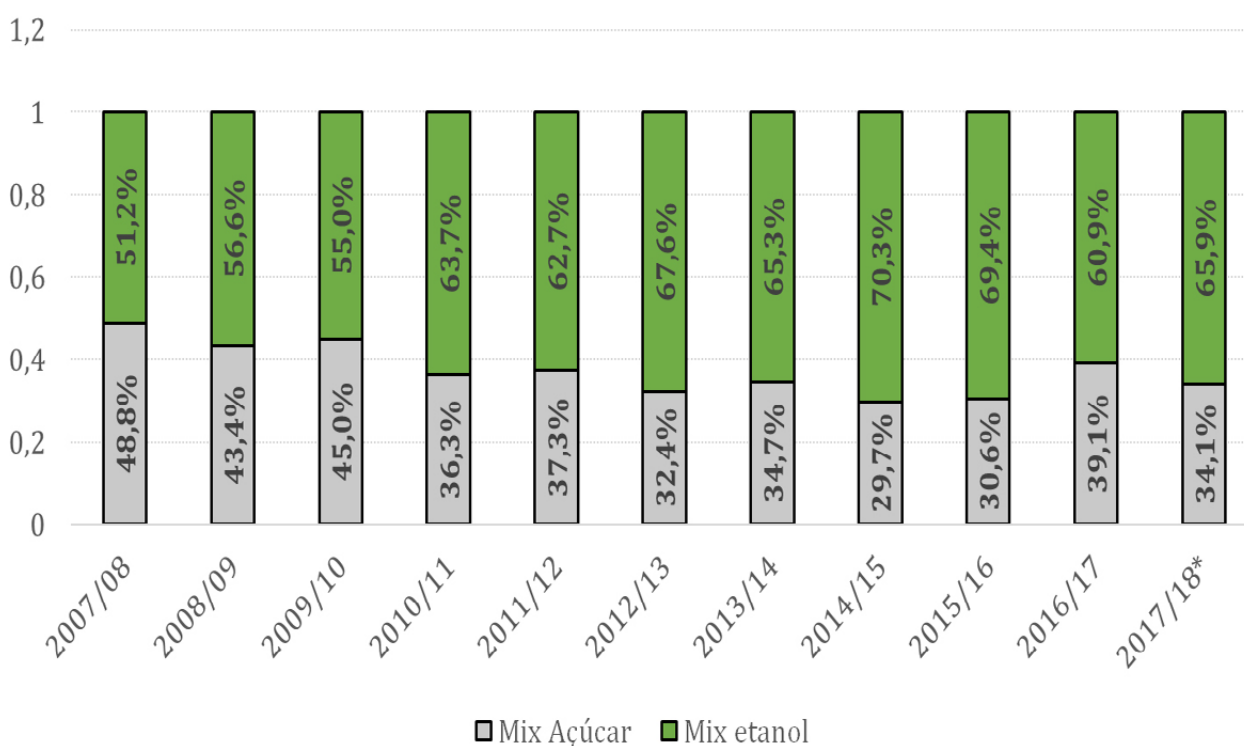
Aline Bigaton
alinebigaton@pecege.com



Glauber dos Santos
glauber@pecege.com

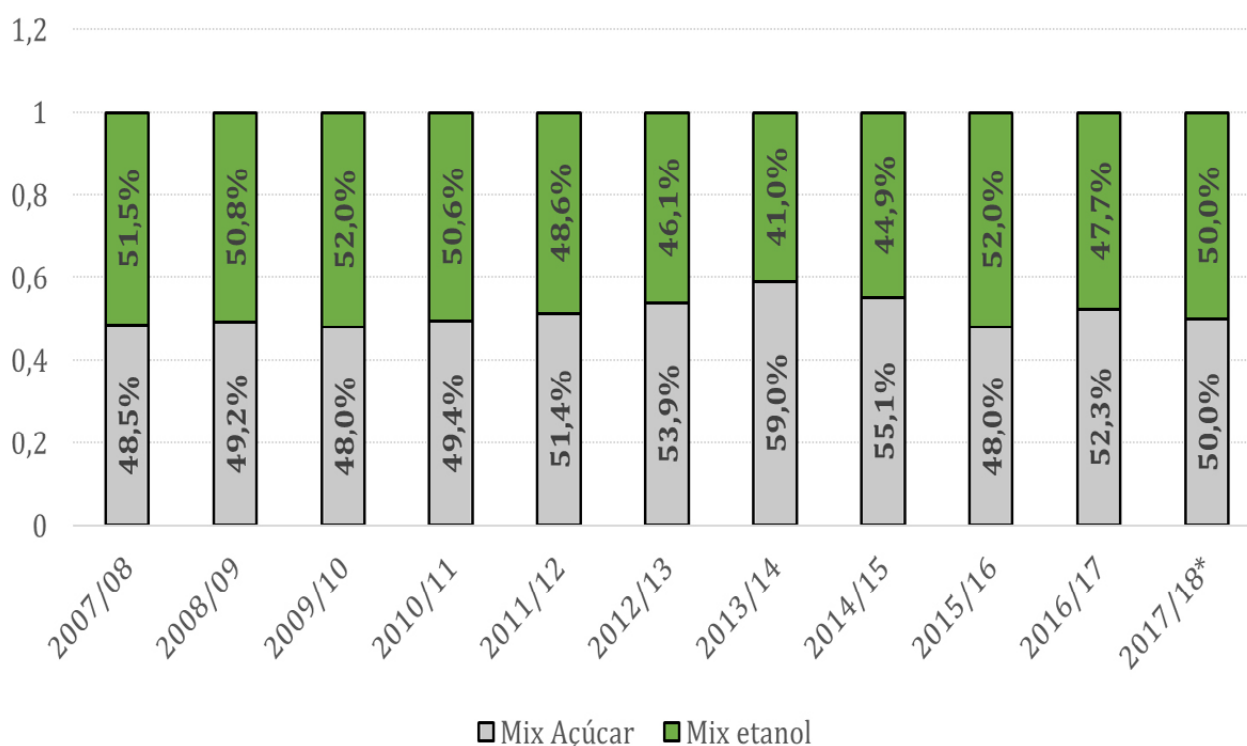
com a gasolina, o etanol brasileiro reduz as emissões dos chamados gases de efeito estufa (GEE) em cerca de 90%. Em 2010, a EPA (U. S. Environmental Protection Agency) classificou o etanol de cana-de-açúcar

MIX DE PRODUÇÃO - REGIÃO EXPANSÃO



Fonte: PECEGE/CNA. *Previsão

MIX DE PRODUÇÃO - REGIÃO TRADICIONAL



Fonte: PECEGE/CNA. *Previsão

como um combustível avançado, capaz de reduzir as emissões de GEE de 61% a 91% em relação à gasolina.

Mas como tem sido o comportamento de produção do biocombustível pelas usinas de cana-de-açúcar nas últimas safras? O histórico de dados do levantamento realizado pelo PECEGE/CNA demonstra que a chamada região de Expansão (GO, MG, MT, MS) apresentou um aumento de quase 30% no mix de etanol da safra 2007/08 para a safra 2017/18, essa variação chegou a ser ainda maior com relação à safra 2014/15 (37%), na qual o mix de produção de etanol chegou a 70,3%.

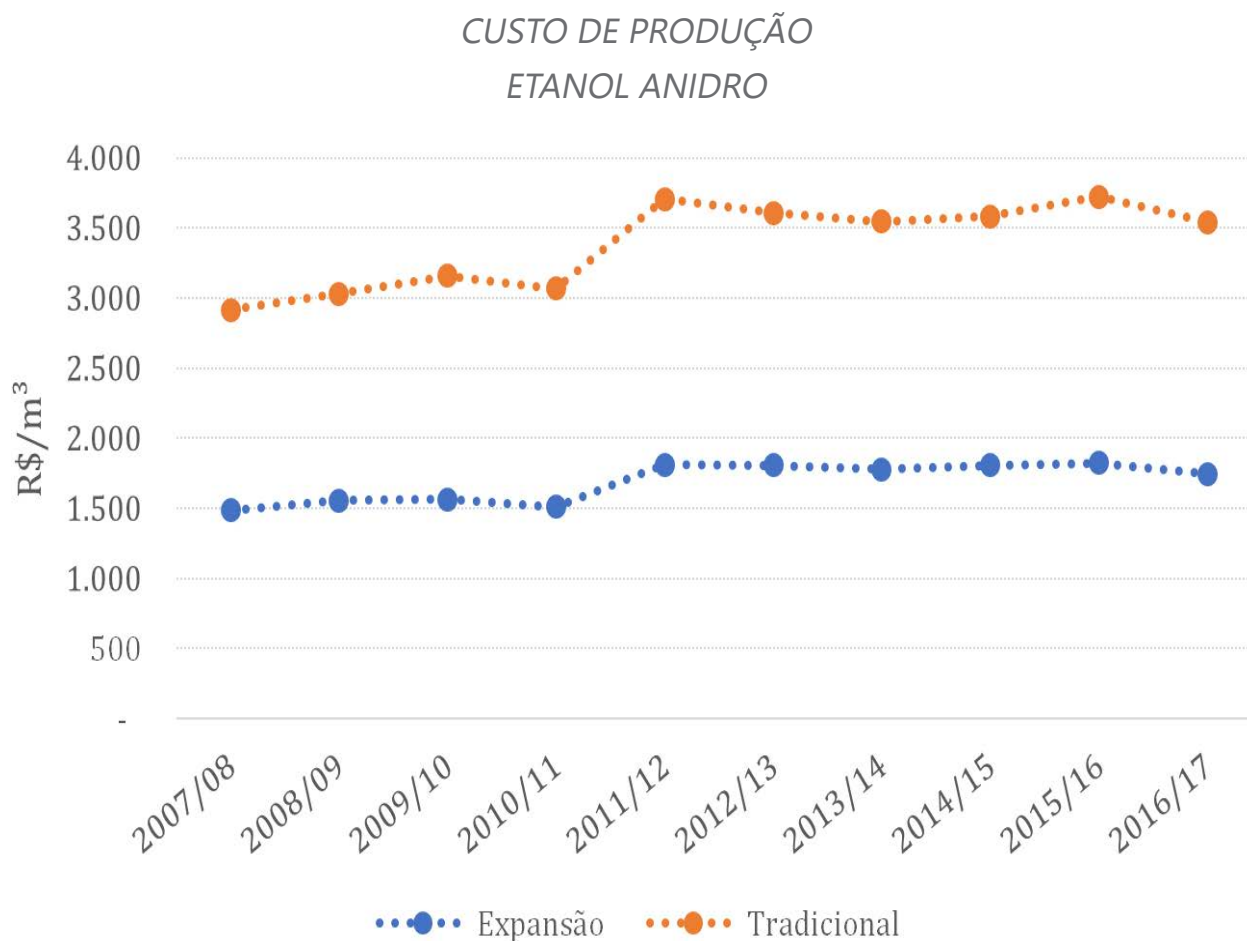
Já a região Tradicional de produção (SP e PR) mostra uma constância com relação à produção do etanol, quase não ten-

do variação da safra 2007/08 (mix de etanol de 51,5%) para a safra 2017/18 (mix de 50%). A safra de maior variação com relação às avaliadas foi a de 2013/14, com mix de 41% para o produto.

E os custos de produção das usinas, como evoluíram? O etanol anidro, por exemplo, sai de um patamar R\$ 1.487,00 / m³ na safra 2007/08 para R\$ 1.746,00 / m³ na região de Expansão. Já na região Tradicional, o custo passou de R\$ 1.428,00 / m³ para R\$ 1.796,00 / m³ no mesmo período. Apesar disso, a produção de etanol tem se apresentado bem otimista nas últimas safras, principalmente em razão dos preços melhores de comercialização.

As margens proporcionadas pelo produto na safra 2007/08 eram próximas





Fonte: PECEGE/CNA.

de -10% e -6,0% nas regiões Expansão e Tradicional, respectivamente, quando considerado o custo total de produção (custos operacionais, depreciações e remuneração do capital e da terra). Já na safra 2016/17 os valores se mostram um pouco mais otimistas, passando para 1,1% e -3,8%, regiões de Expansão e Tradicional. Ou seja, o etanol além de promissor quanto a um dos biocombustíveis mais sustentáveis, ainda apresenta uma evolução positiva nas perspectivas econômicas de quem o produz. Embora margens negativas ainda sejam observadas, espera-se que no curto prazo essa situação siga a tendência de melhoria e consequente-

mente seja revertida.

No segmento sucroenergético, além da pesquisa de custos de produção de cana-de-açúcar, açúcar, etanol e bioeletricidade, em parceria com a CNA e ORPLANA, a equipe do PECEGE também realiza treinamentos nas áreas agrícola, industrial e gerencial. Contamos com o apoio de quase 200 instituições, entre usinas, associações e órgãos de classe, retribuindo com informações estratégicas para os produtores e usinas, bem como análises de benchmarking, boletins de custo de safra, previsões, dentre outros. Entre em contato com nossa equipe e conheça mais detalhes deste projeto.

Jalles Machado, uma empresa de alta performance agrícola

GRUPO RESSALTA A IMPORTÂNCIA DO USO DA TECNOLOGIA AGRÍCOLA PARA O AUMENTO DA PRODUTIVIDADE DA CANA-DE-AÇÚCAR EM AMBIENTES RESTRITIVOS



DIVULGAÇÃO JALLES MACHADO

Investimento para construção da fábrica de açúcar da Unidade Otávio Lage foi de R\$ 80 milhões

Leonardo Ruiz

No dia 11 de outubro de 2017, o Grupo Jalles Machado, composto por duas unidades agroindustriais, Jalles Machado e Unidade Otávio Lage, ambas localizadas no município de Goianésia/GO, inaugurou a fábrica de açúcar na Unidade Otávio Lage.



DADOS DE PRODUÇÃO DO GRUPO JALLES MACHADO

Produto	Total	Unidade
CANA-DE-AÇÚCAR PROCESSADA	5.000.000	Ton
ETANOL	210.900.000	Litros
AÇÚCAR	324.360	Ton
LEVEDURA SECA	3.300	Ton
ENERGIA	377.610	MW
SANEANTES	200.000	Caixas
ÁREA DE COLHEITA	57.000	Hectares

DIVULGAÇÃO JALLES MACHADO

A planta – batizada de Segundo Braios Martinez, ex-diretor da Jalles Machado que faleceu em abril de 2015 - foi construída a partir de um projeto moderno, com layout compacto, e com a mais alta tecnologia do setor sucroenergético nacional. A fábrica apresenta baixo consumo de vapor, alto nível de automação e atende às boas práticas de fabricação e às normas de segurança. Ao todo, foram investidos R\$ 80 milhões para construção da unidade de produção de açúcar e do centro de distribuição e armazenamento.

O diretor-presidente Otávio Lage de Siqueira Filho ressalta o fato de que, a partir de agora, a Jalles Machado passa a contar com ainda mais opções de produtos para incrementar o faturamento e garantir a competitividade do negócio, “gerando mais empregos para a região e impostos para o município e para o Estado”. Atualmente, o Grupo produz etanol anidro, industrial e hidratado, açúcar convencional e orgânico, produtos de higiene e limpeza, energia elétrica, levedura e látex. O Gru-

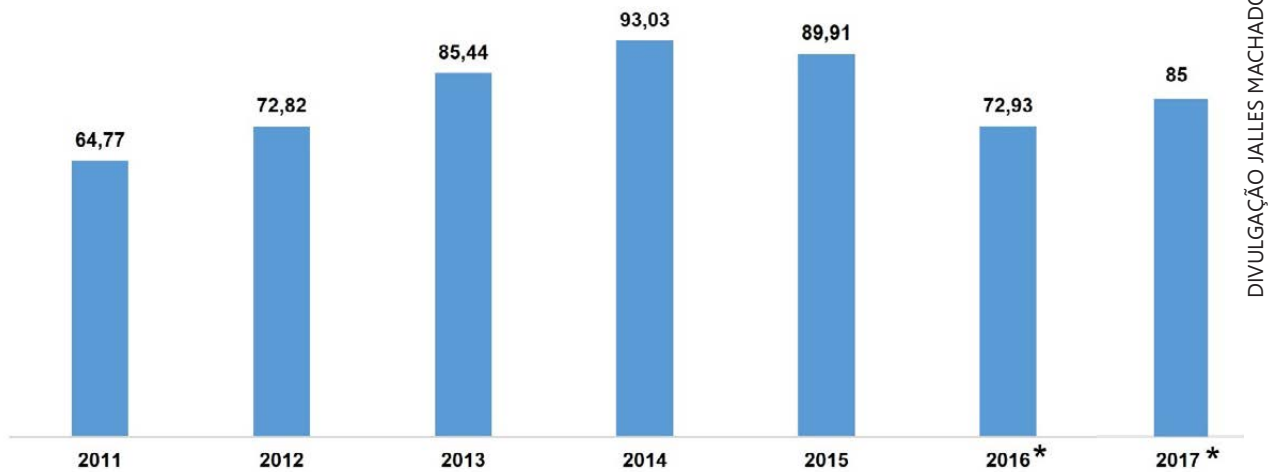
po encerrou a safra 2017/18 com a moagem 4.328.600 toneladas de cana nas duas unidades.

Adoção de tecnologias é vital para obtenção de bons números produtivos no Cerrado

Com a inauguração, a capacidade de produção de açúcar anual do Grupo passa a atingir a marca de 350.360 toneladas, sendo 210.360 toneladas produzidas pela Unidade Jalles Machado e 140.000 toneladas inerentes à Unidade Otávio Lage. Embora leve o título de fábrica de açúcar, a estrutura recém-inaugurada tem, na verdade, apenas o papel de recuperar o produto, já que a fabricação do mesmo ocorre lá no campo.

E produzir esse açúcar em pleno cerrado brasileiro, onde os períodos de estiagem são longos e os ambientes restritivos – 78% entre E1 e E2 - não é uma das tarefas mais fáceis. Mas a empresa tira de letra. Na Unidade Jalles Machado, a mé-

PRODUTIVIDADE MÉDIA (TON/HA) DO GRUPO JALLES MACHADO



* 215 dias de seca em 2016

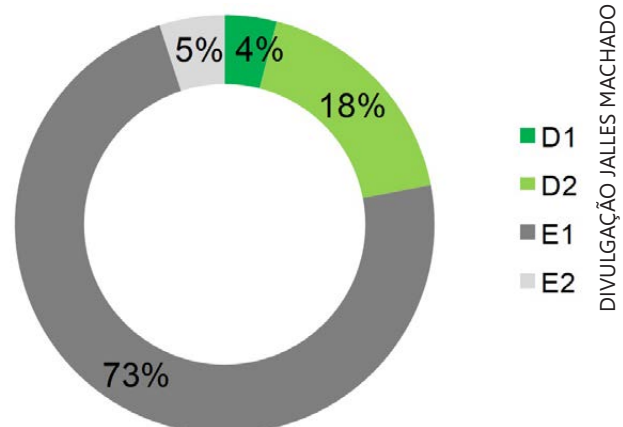
* Previsão para 2017

dia de produtividade é de 81 toneladas de cana por hectare (TCH) enquanto que, na Unidade Otávio Lage, este número é ainda maior: 86 TCH.

Quem olha, pode até não acreditar que é possível conquistar tais produtividades em condições tão desfavoráveis. Mas o gerente agrícola da Unidade Jalles Machado, Edgar Alves da Silva, garante que os números são reais. Mas que não foram conquistados facilmente. São, na verdade, fruto de um longo e árduo trabalho. “Diante de tais condições, se não fizermos algo diferente, não conseguiríamos sequer produtividades medianas”.

Para o gerente agrícola da Unidade Otávio Lage, Márcio Hideki, a obtenção de boas produtividades no cerrado depende de uma série de fatores que devem estar concomitantemente integrados. “É preciso conhecer esses ambientes restritivos e saber como trabalhar as variedades e as tecno-

78% DOS AMBIENTES DE PRODUÇÃO DO GRUPO JALLES MACHADO ESTÃO ENTRE E1 E E2



logias, para que elas respondam aos manejos adotados da melhor forma.”

Entre as tecnologias adotadas na Empresa, Edgar Alves da Silva e Márcio Hideki destacam o uso de drones e Veículos Aéreos Não Tripulados (VANTs), que mapeiam linhas para colheita e a qualidade do plantio, além de realizarem imagens dos canais para execução de projetos de altimetria. “Agora, todos os projetos de



Algumas colhedoras já contam com piloto automático

sistematização das áreas são feitos no escritório, com toda a altimetria do terreno simulando fluxo de água e possibilidade de erosão, visando conseguir um manejo conservacionista mais assertivo.”

Outra ferramenta que agregou muito ao plantio e à colheita da cana foi a adoção do piloto automático. Paralelismo próximo do perfeito e alinhamentos do plantio com espaçamento pré-determinado estão entre as vantagens da utilização da tecnologia. Com ela, a velocidade de operação de plantio fica maior, já que o operador não fica preso ao trator, podendo melhorar as manobras de cabeceira a partir de certos planejamentos. Isso também causa menos estresse, aumentando assim o rendimento operacional e a economia de combustível. Outro benefício do equipamento é a geração de um arquivo de georreferenciado do percurso, que, posteriormente, pode ser utilizado pela colhedora, impedindo que os operadores se percam no eito - fato comum em colheitas noturnas – provocando o pisoteio da linha de cana.

Até 2010, a Jalles trabalhava com pilotos automáticos em bases moveis. A partir de 2010, investiu-se em uma rede



DIVULGAÇÃO JALLES MACHADO

de base RTK fixa a fim de melhorar a precisão da tecnologia. “100% do preparo de solo e do plantio das duas unidades é feito com o uso do piloto automático. Com relação a colheita, ainda estamos no processo de investimento. Mas, hoje, já contamos ao menos com um equipamento em cada frente de colheita”, afirmam os gerentes agrícolas.

“Sem irrigação não haveria cana”

Sem dúvida, uma das técnicas preponderantes para produzir cana-de-açúcar no Cerrado é a irrigação. Para o gerente agrícola da Unidade Otávio Lage, Márcio Hideki, investimentos nessa área são fundamentais para o bom desempenho da lavoura. “Estamos em um ambiente onde a irrigação faz muita diferença na produtividade. Constantemente, investimos em tecnologias que nos permitem aproveitar os recursos hídricos de forma sustentável e alcançar bons resultados no canavial”.

Ele ressalta que, se não houvesse irrigação nos canaviais da empresa, não exis-



DIVULGAÇÃO JALLES MACHADO

Unidade Jalles Machado possui dois pivôs com capacidade para irrigar 428 hectares, estão entre os maiores do Brasil e da América Latina

tiria cana. “Esse processo é fundamental para garantir a nossa sobrevivência. Hoje, a maior parte da irrigação não é suple-

mentar, mas de salvamento.”

O período mais crítico para os canais da Jalles é o que vai de maio ao final de setembro. Nestes meses, toda a cana recebe, no mínimo, uma lâmina de 60mm de água para que consiga brotar. “Para garantir a manutenção da produtividade ao longo dos cortes, é muito importante a irrigação de salvamento neste período, obrigatória em 100% das áreas, garantindo uma boa rebrota do canavial, além de um bom stand para os próximos anos.”

Por conta dessa severa estiagem, a empresa investe constantemente em equipamentos de irrigação, que se dividem entre pivôs centrais, rebocáveis e fixos, e carretéis irrigadores. Em 2011, foram investidos 22 milhões e 300 mil reais, sendo 20 milhões apenas na Unidade Otá-



DIVULGAÇÃO JALLES MACHADO

Márcio Hideki: “Para garantir a manutenção da produtividade ao longo dos cortes, é muito importante a irrigação de salvamento em 100% das áreas de maio ao final de setembro”





DIVULGAÇÃO JALLES MACHADO

Na hora de esticar carreteis, operadores são guiados por um sistema de barra de luz

vio Lage, que entrou em operação em julho daquele ano.

E os investimentos não param. Recentemente, a Unidade Otávio Lage instalou um sistema de fertirrigação via gotejamento em 400 hectares. Esta tecnologia permite que a cana receba, durante toda sua fase de crescimento, nutrientes fracionados diluídos na água, atendendo assim as demandas nutricionais da cultura durante todo seu desenvolvimento. “São 260 dias nutrindo a cana, um método bem mais eficiente do que aquele em que 100% do adubo é aplicado logo após o corte.”

Já a Unidade Jalles Machado instalou dois pivôs com capacidade para irrigar

428 hectares, considerados como um dos maiores do Brasil e da América Latina. Outra inovação nesta área ocorreu em 2012, quando a empresa investiu num sistema de barra de luz visando melhorar o paralelismo na hora do operador esticar o carretel de irrigação.

Parcerias com as principais instituições de melhoramento genético do país buscam o desenvolvimento de variedades adaptadas à condição de Cerrado

Como afirmado, a Jalles Machado precisa estar bem servida de variedades

para que consiga tirar o melhor da seca e de seus ambientes restritivos. Por conta disso, a maioria dos materiais utilizados são modernos e adaptados à sua condição. O perfil varietal buscado pela empresa é o de alto perfilamento, entrenós mais curtos, colheitabilidade em canas mais eretas e rapidez na cobertura do solo. Atualmente, a variedade mais plantada é a CTC 4 com 22% da área, seguida da IAC91-1099 (20%) e CTC 15 (16%).

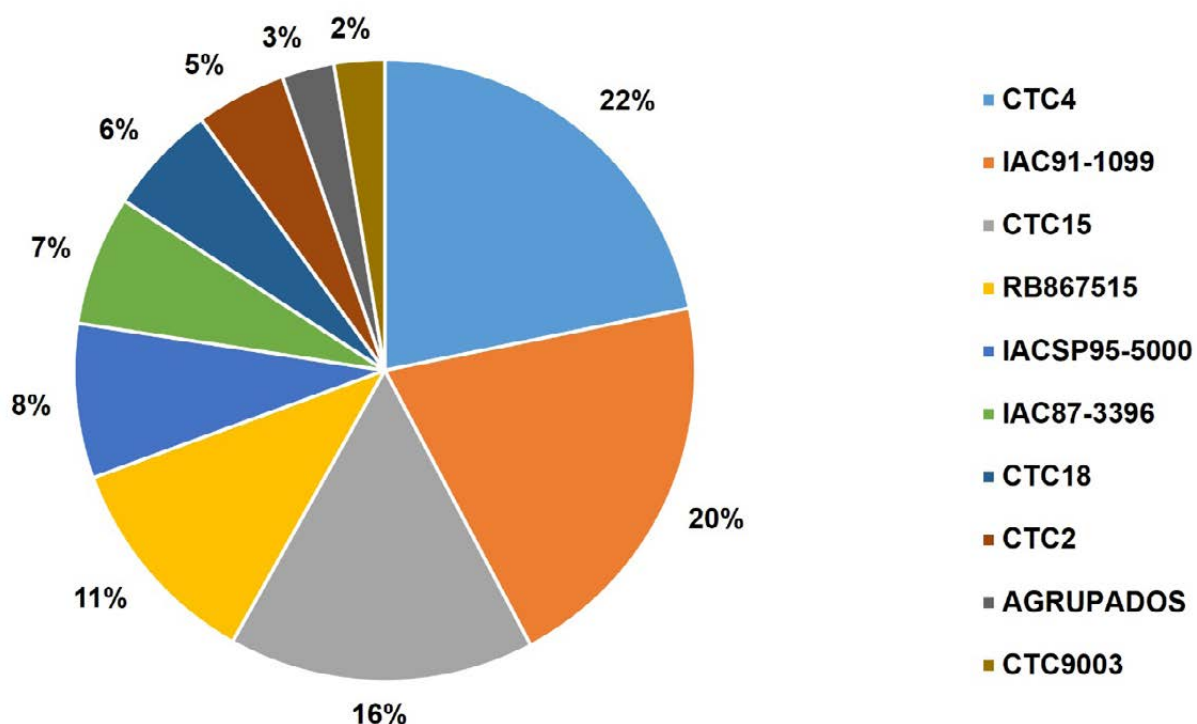
Muitos dos materiais utilizados nos canaviais do Grupo são desenvolvidos dentro da própria empresa, devido a parceria mantida entre a Jalles e as principais instituições de melhoramento genético do país, como o Instituto Agrônomo de Campinas (IAC), o Centro de Tecnologia Canaveira (CTC) e a Rede Interuniversitá-

ria para o Desenvolvimento do Setor Sucreenergético (RIDESA).

O último fruto dessas parcerias pôde ser visto no final de setembro de 2017, quando a Jalles e o IAC apresentaram as variedades IACCTC058069, IACCTC078008 e IACCTC078044, com características regionais adaptadas a ambientes restritivos, que incluem déficit hídrico acentuado e solos desfavoráveis para produção. Outra grande característica dos materiais é o fato de apresentarem produtividades agrícolas de 11% a 16% superiores à da RB867515, variedade mais cultivada no Centro-Sul do Brasil.

O diretor do Centro de Cana e coordenador do Programa Cana IAC, Marcos Landell, ressalta que as novas variedades são resultado de um longo trabalho

CENSO VARIETAL DO GRUPO JALLES MACHADO



DIVULGAÇÃO JALLES MACHADO





Em setembro, IAC e Jalles Machado fizeram o lançamento de três variedades adaptadas à condição de Cerrado

Mas para que haja uma rápida introdução dessas e de outras variedades de cana no plantel varietal da Jalles Machado, a empresa investe na produção de Mudanças Pré-Brotadas (MPBs). Anualmente, são produzidas internamente cerca de

de pesquisa e desenvolvimento realizado pela instituição em parceria com o Grupo. “Em 2001, começamos a introduzir na Jalles Machado sementes de cana produzidas na estação de hibridação do IAC na Bahia com alto grau de variabilidade genética com o intuito de identificar os materiais que mais se adaptavam a essa região. Com o lançamento dessas três variedades que apresentam alto desempenho nessas condições estamos colhendo os resultados desses anos de trabalho.”

900 mil mudas de clones promissores.

Na Jalles Machado, 100% do plantio é realizado com plantadoras automatizadas

Desde 2012, o plantio no Grupo Jalles Machado é feito 100% de forma me-



Anualmente, são produzidas cerca de 900 mil mudas de clones promissores na Jalles Machado

canizada, com auxílio de plantadoras automatizadas. O gestor corporativo de plantio do Grupo, Márcio Ricardo da Silva, conta que no início diversos problemas foram enfrentados, como aumento de falhas nos canaviais e do consumo de mudas

por hectares. “Porém, estes desafios foram sendo resolvidos com o tempo.”

Atualmente, a taxa de consumo de mudas por hectare nas duas unidades é de 14 toneladas contra 22 toneladas da época em que a mecanização do plantio foi iniciada. Vital para que houvesse diminuição no consumo de mudas, o sistema de controle de vazão instalado nas plantadoras proporcionou maior uniformidade na distribuição dos toletes de cana e maior rendimento da operação. “Hoje, 93% do nosso plantio está com notas excelentes”,

destaca Silva. Atualmente, a Unidade Jalles Machado possui 16 plantadoras automatizadas e, a Unidade Otávio Lage, 12.

Aplicação de corretivos e herbicidas em taxa variável possibilitou aumento do potencial produtivo do solo e redução de fitotoxicidade

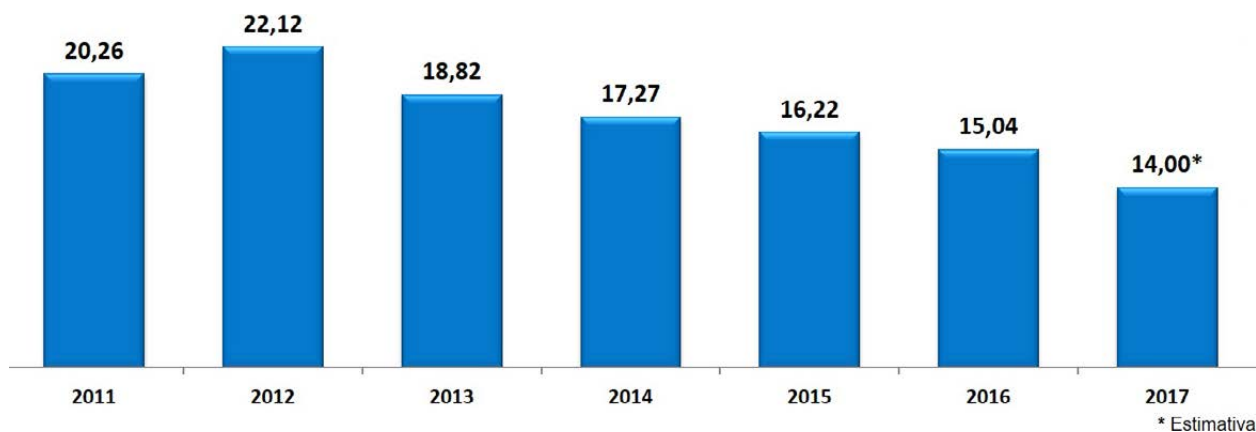
Desde 2003, em função da grande variabilidade dos solos goianos, que nem sempre apresentam uma composição uniforme, a Jalles Machado decidiu aplicar os



Ao todo, Grupo Jalles Machado possui 28 plantadoras automatizadas

DIVULGAÇÃO JALLES MACHADO

**CONSUMO DE MUDAS (TON/HA) NO PLANTIO MECANIZADO
DECRESCER A CADA ANO NO GRUPO JALLES MACHADO**

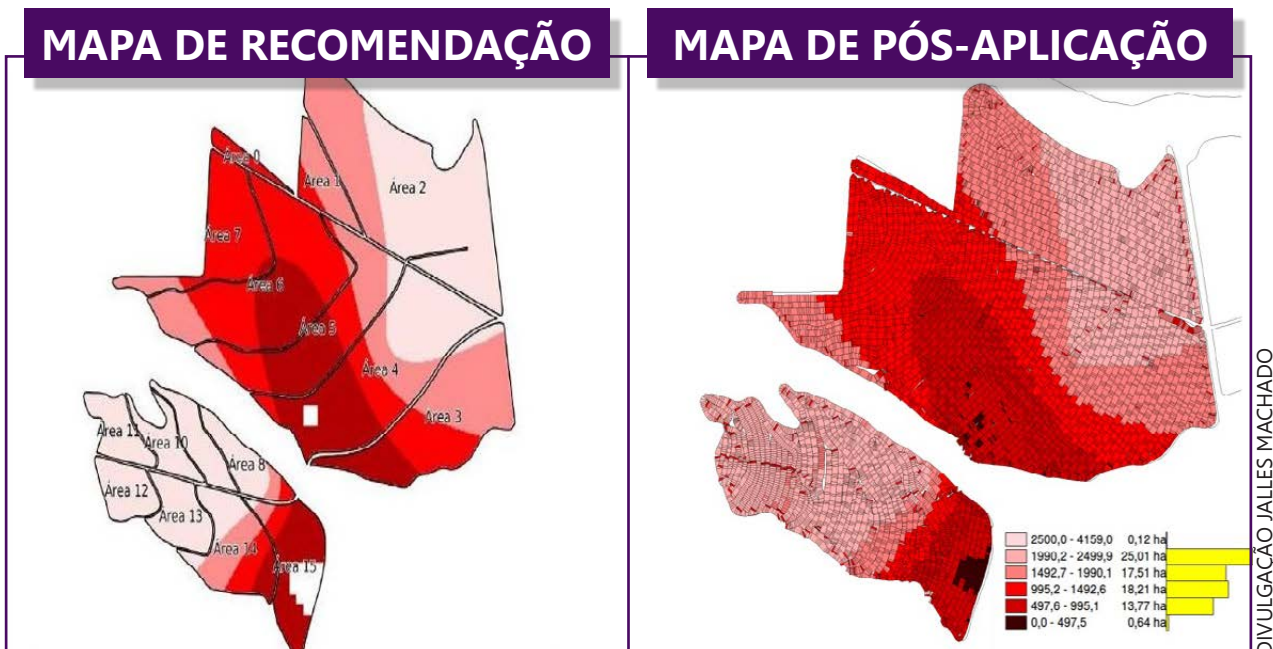


DIVULGAÇÃO JALLES MACHADO

* Estimativa



MAPA DE RECOMENDAÇÃO DE HERBICIDAS E CORRETIVOS EM TAXA VARIÁVEL



DIVULGAÇÃO JALLES MACHADO

corretivos em taxa variável, levando em conta cada particularidade do terreno. “Desde então, nunca mais paramos”, afirma o gerente agrícola da Unidade Jalles Machado, Edgar Alves da Silva. Atualmente, 100% da correção de solo no Grupo é feito seguindo esse método.

“Todas as análises são realizadas de um a dois anos antes da reforma. Quando chegar a hora de renovar o canal, já possuo os dados de onde e como aplicar os insumos”, explica. Entre os benefícios da tecnologia, destacam-se o uso mais racional de insumos, aumento do potencial produtivo do solo e uma produção maior e de mais qualidade.

Mas não são apenas os corretivos agrícolas que são aplicados em taxa variável na Jalles Machado. Desde 2008, os herbicidas também passaram a integrar esse novo método de manejo. O conceito con-

tinua o mesmo: como cada solo possui variabilidade de textura, aplicar a mesma dose do produto em todo o terreno seria um erro, pois dificilmente seu comportamento será o mesmo em toda a lavoura. Lembrando que o herbicida em excesso causa fitotoxicidade e a falta dele resulta em aumento da matocompetição. O



LEONARDO RUIZ

Edgar Alves da Silva conta que diversos benefícios são observados quando se faz uso da aplicação de herbicidas e corretivos em taxa variável

Em termos de agressividade, a brachiária é a principal planta daninha presente nos canaviais da Jalles Machado

correto é ajustar a dose do produto em função das características do solo, principalmente matéria orgânica (MO), argila e capacidade de troca de cátions (CTC). “Hoje, toda a nossa aplicação de herbicidas é feita em taxa variável, o que permitiu uma economia de 7% a 8% na quantidade de produtos utilizados e redução drástica da fitotoxicidade nos canaviais”, ressalta o gerente agrícola.

Mais recentemente, em 2016, a Jalles começou a realizar taxa variável de adubo complementar durante a operação de quebra lombo, gerando economia de adubo.

Controle eficiente de plantas daninhas e pragas da cana impulsiona produtividade

Em termos de agressividade, a brachiária é a principal planta daninha presente nos canaviais da Jalles Machado. Já as cordas-de-viola são as que ocorrem em maior quantidade. São plantas daninhas que se não controladas ocasionam grandes transtornos na colheita e na redução da produtividade, e conseqüentemente na longevidade do canavial.

O gestor de tratamentos culturais da Uni-



Ighor Cruvinel: “Trabalhamos com a visão integrada no controle das plantas daninhas”

dade Jalles Machado, Ighor Cruvinel, conta que o Pré-Plantio Incorporado (PPI) foi uma prática de manejo utilizada principalmente no passado, visando diminuir as infestações. Hoje, com uma pressão menor do banco de sementes, a estratégia é não deixar as plantas daninhas produzir sementes. “Todo nosso foco é para uma aplicação de produtos em pré-emergência, visando eliminar as invasoras antes que produzam novas sementes, além de reduzir a fitotoxicidade na cultura”.



Herbicidas pré-emergentes são utilizados em 100% da área de plantio. “Fazemos aplicação no pós-plantio e, depois da operação de quebra lombo, aplicamos novamente. “A cana fechou, acabou o problema”.

O gestor de tratamentos culturais ressalta, ainda, que a empresa trabalha com a visão integrada no controle das plantas daninhas. Neste sentido, um conjunto de informações são utilizadas para a definição dos tratamentos de herbicidas adotados, dentre eles: a matologia presente nas fazendas, época de controle, porte da cana, ciclo da cultura, período de carência e valor dos produtos.

Com relação as pragas da cana, Cruvinel relata que o principal problema é a broca-da-cana (*Diatraea saccharalis*), cuja índice de infestação (I.I) atual nas duas unidades é de 3%. “Embora seja um número relativamente baixo, não podemos descui-

dar, porque este é um inseto agroindustrial, com reflexos negativos tanto na área agrícola quanto na indústria”.

O laboratório de controle biológico da Jalles Machado foi criado em 1999. Atualmente, tem capacidade para produzir 50 milhões de cotesias por mês e emprega 50 colaboradores da comunidade.

Ele explica que o manejo da broca parte do princípio biológico, sendo complementado com o químico. Não significando uma ordem necessariamente cronológica, ou seja, primeiro o biológico e, se não funcionar, entra com o controle químico. E sim, de um manejo integrado, onde há monitoramentos, identificações, e posicionamento para cada tipo de controle, em local e tempo certos. Esta sinergia de controle permite ser eficaz e minimizar impactos sobre os inimigos naturais, parceiros fundamentais na manutenção da baixa população de broca no campo.



LEONARDO RUIZ

Laboratório de controle biológico da Jalles Machado tem capacidade para produzir 50 milhões de cotesias por mês

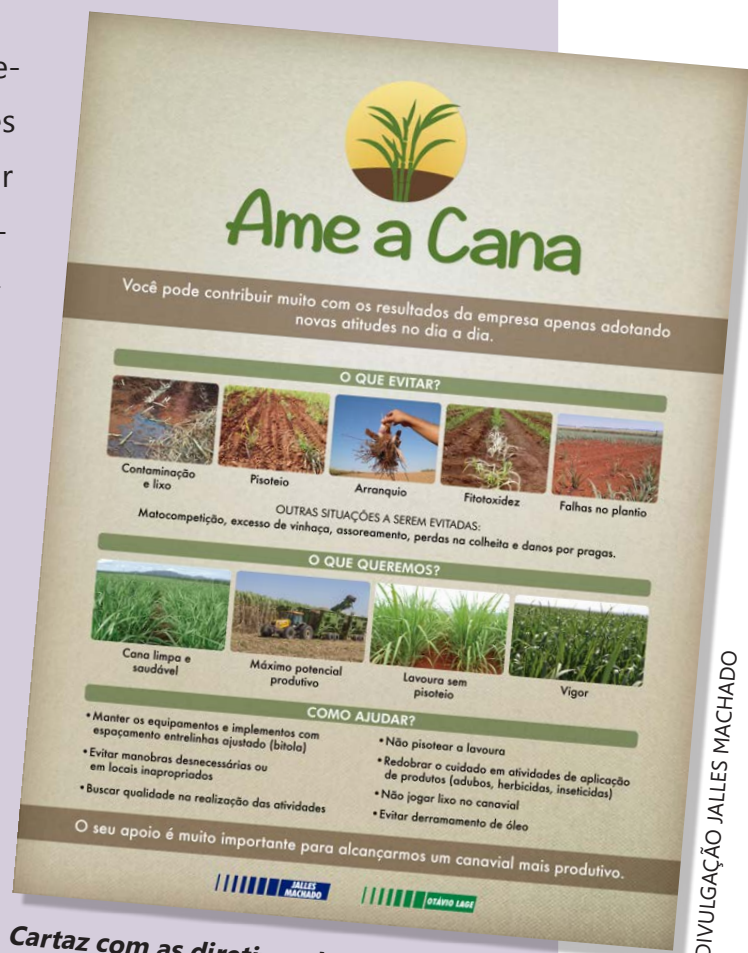
Projeto AME A CANA trabalha na conscientização dos colaboradores sobre a importância de cuidar do canavial

Em 2015, a Jalles Machado criou o projeto AME A CANA, que trabalha com ações preventivas e de orientação visando criar nas pessoas a conscientização de que o canavial deve ser tratado como um jardim. “Os colaboradores não podem achar normal transitar em cima da linha, pisotear e arrancar a soqueira, causar fitotoxidez à cana e jogar lixo no canavial. Não adianta adotar variedades modernas e investir em tecnologia se não houver uma mudança de cultura por parte dos funcionários”, ressalta o gerente agrícola da Unidade Jalles Machado, Edgar Alves da Silva.

Para o gerente agrícola da Unidade Otávio Lage, Márcio Hideki, o projeto precisa estar no DNA de todos os colaboradores da empresa. “Sem o comprometimento da equipe, não tem como dar certo. Todos precisam estar conscientizados e envolvidos para que haja resultados positivos.”

O projeto dá dicas sobre o que cada colaborador pode fazer para ajudar, como:

- Manter os equipamentos e implementos com espaçamento de entrelinhas ajustado (bitola)
- Evitar manobras desnecessárias ou em locais inapropriados
- Buscar qualidade na realização das atividades
- Não pisotear a lavoura
- Redobrar o cuidado em atividades de aplicação de produtos (adubos, herbicidas e inseticidas)
- Não jogar lixo no canavial
- Evitar derramamento de óleo

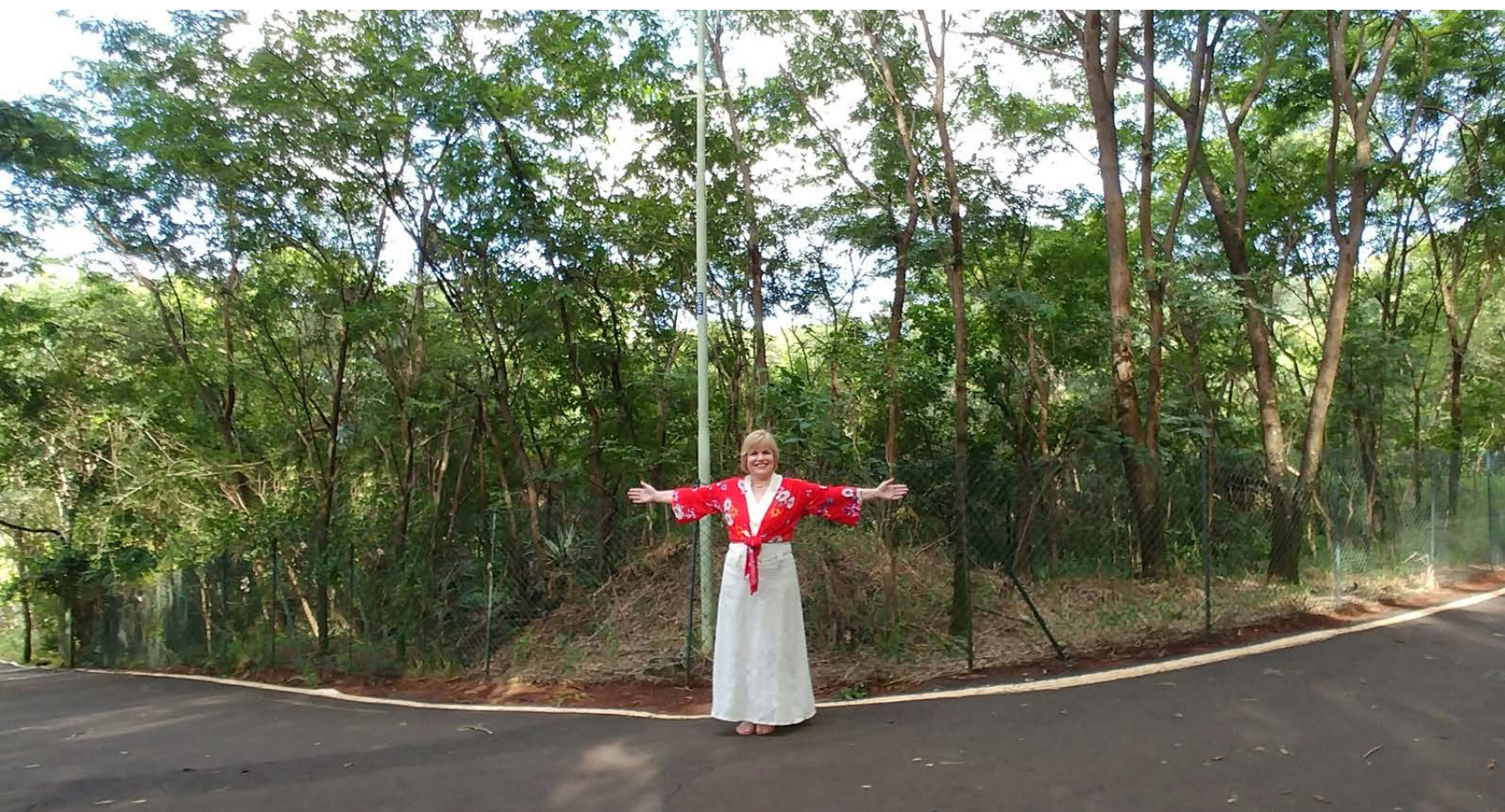


Cartaz com as diretrizes do Projeto AME A CANA estão espalhados por toda as unidades do Grupo



Ser feliz é um presente que você pode se dar

O AUTOCONHECIMENTO POR MEIO DO PROCESSO DE COACHING
CONTRIBUI PARA QUE RECUPEREMOS NOSSO PONTO DE
EQUILÍBRIO, PASSO IMPORTANTE PARA A FELICIDADE



“Vem para o presente, vem para a vida! Sabe quem está aqui te esperando? A sua felicidade!”, convida Sandra

Ser feliz é um desejo universal, mas será que existe idade para ser feliz? Segundo Mario Quintana, “existe somente uma idade para a gente ser feliz, somente uma época na vida de cada pessoa em que é possível sonhar e fazer

planos e ter energia bastante para realizá-los a despeito de todas as dificuldades e obstáculos. Uma só idade para a gente se encantar com a vida e viver apaixonadamente e desfrutar tudo com toda intensidade sem medo nem culpa de sentir

prazer. Fase dourada em que a gente pode criar e recriar a vida à nossa própria imagem e semelhança e vestir-se com todas as cores e experimentar todos os sabores e entregar-se a todos os amores sem preconceito nem pudor. Tempo de entusiasmo e coragem em que todo desafio é mais um convite à luta que a gente enfrenta com toda disposição de tentar algo novo, de novo e de novo, e quantas vezes for preciso. Essa idade tão fugaz na vida da gente chama-se Presente e tem a duração do instante que passa". Lembra-nos Sandra Schiavetto, Pedagoga, Psicopedagoga, Master Coach e sócia da Multi Training, empresa especializada em Gestão de Vida e Carreira.

Na busca pela felicidade, as pessoas seguem vários caminhos. Nos últimos tempos, uma dessas alternativas passou a ser o coaching. Mas por que será? Sandra explica que, cada fase da vida tem seu brilho, sua luz e seu encantamento, como se cada uma fosse uma estação única. E a felicidade é o florescimento, a consciên-

cia da brevidade, da mudança e dos ciclos que lapidam a pedra bruta chamada consciência. Nesse sentido, somente por meio do autoconhecimento é possível acessar as camadas internas que compõem a nossa natureza autêntica. "O coaching é um caminho que possibilita elevar os nossos níveis de consciência para enxergar o presente e o futuro, partindo do princípio de que o tempo em que podemos tomar decisões é agora, o presente, do qual se refere Quintana", explica Sandra.

O que as pessoas felizes fazem?

A Master Coach responde que pessoas felizes sonham. Elas sabem que sonhar é só um primeiro passo para realizar, mas que a capacidade de sonhar motiva a mente a criar essa realidade. É como se fosse um rascunho que pouco a pouco ganha impulso e nitidez, como uma semente que cresce no solo do produtor que tem em mente a força veemente de colher o futuro.



Pessoas felizes sonham



Sandra observa que a felicidade é um desejo incessante de todo ser humano. “Algumas fases da vida parecem mais fáceis e isso nos deixa mais inspirados para conseguir nossos objetivos pessoais ou metas profissionais. Quando estamos em uma fase assim, até mesmo aqueles velhos problemas, conseguimos resolver com tranquilidade. Isso não é um milagre e, sim, o resultado do bom relacionamento que vamos aprendendo a ter conosco mesmos. O contrário disso também é fato. Muitas vezes vivemos tão concentrados no externo, que deixamos de perceber muitos sinais que a vida nos dá, principalmente quando não estamos bem. Nas circunstâncias adversas, é muito comum esquecermos de que aquilo que verdadeiramente somos está dentro de nós. Nessas horas é preciso buscar ajuda e recursos apropriados que nos ajudem a retornar para o nosso centro, pois somente assim recuperaremos nosso ponto de equilíbrio.”

Pessoas gratas são mais felizes

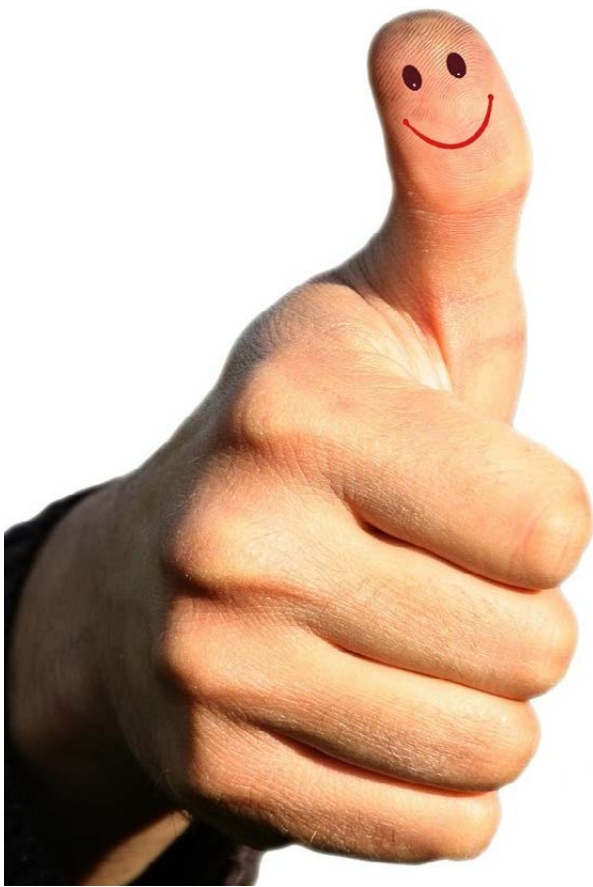
Para Sandra, geralmente, aquilo que pensamos, mesmo sem querer, de alguma forma é revelado por meio de nossas atitudes, pelas palavras com as quais nos expressamos ou pelo nosso próprio comportamento, ainda que não digamos nada. “Quando somos gratos por aquilo que conseguimos realizar e oferecer, o sentimento de confiança na vida aumenta

e o nosso espírito se enche de paz. Todos nós passamos situações difíceis que, no momento vivido, deixa-nos desanimados e inconformados com as circunstâncias, porém, algum tempo depois, reconhecemos o quanto nos tornamos pessoas muito mais maduras.”

Pessoas felizes são positivas

Todos nós temos problemas em nosso cotidiano, lembra a Master Coach. Segundo ela, o que leva uma pessoa a ter sucesso não são as coisas que acontecem em sua vida, mas sim, como ela percebe e reage a estes acontecimentos. Para viver a felicidade na vida pessoal e profissional é preciso ser uma pessoa otimista. Uma pessoa otimista, na prática, não ig-





nora os problemas, mas tem uma perspectiva mais audaciosa pelo fato de buscar caminhos que permitam alcançar os resultados desejados.

A pessoa otimista acredita que a felicidade é possível, diz Sandra, pois não tem medo de conhecer a si mesma. Ela aprende a conhecer suas emoções, a avaliar seus sentimentos e entender seus comportamentos, comprometendo-se em melhorar constantemente a qualidade de vida, o bem-estar físico e emocional, a autorrealização no trabalho e os relacionamentos afetivos e sociais. Ela presta atenção no que diz. Quando percebe que está usando palavras negativas ou limitadoras, mo-

difica-as, pois é capaz de mensurar a força que têm os pensamentos e o impacto das palavras.

Pessoas felizes aprendem a se amar incondicionalmente

Pessoas felizes, observa Sandra, aprendem a se querer bem, acolhem sua inteireza e aceitam plenamente a sua vida. São conscientes de que sempre é preciso parar e dar um basta no sentimento de culpa, no excesso de crítica e na mania de perfeição que consome nossa energia em vão. Quem nunca teve o sentimento de não ser amado, valorizado e reconhecido? Quantas vezes nos sentimos falhos e acreditamos não sermos merecedores das coisas boas da vida? Quantas vezes tentamos abraçar o mundo, sem conseguir ao menos abraçar a nós mesmos?

“Para acreditar que podemos ser felizes, mesmo quando atravessamos as intempéries próprias da condição humana, precisamos nos libertar das memórias do passado. Abra seus braços para o novo: o novo olhar, a nova luz, a nova direção, a nova escolha. Vem para o presente, vem para a vida! Sabe quem está aqui te esperando? A sua felicidade!”, convida Sandra.



Sugestão da Master Coach Sandra Schiavetto

Documentário HAPPY, da Netflix, sobre a felicidade genuína (embarque em uma jornada pelos pântanos da Louisiana às favelas de Calcutá em busca do segredo da verdadeira felicidade).

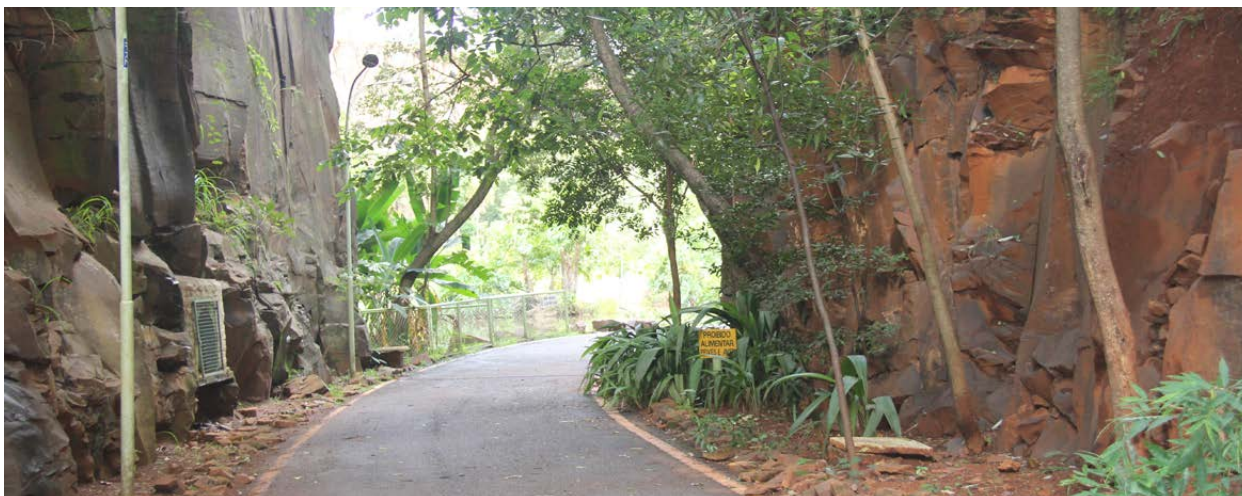
Ou acesse:

<https://vimeo.com/96731078>



Quem já escolheu o caminho da felicidade

*O QUE LEVA AS PESSOAS A PROCURAREM O COACHING
E AS TRANSFORMAÇÕES EM SUAS VIDAS*



É possível escolher o caminho da Felicidade

“**T**rabalho há 22 anos na mesma empresa, chegou um momento que comecei a me questionar se o que fiz e faço da minha vida é o melhor, se deveria trilhar novos caminhos, se poderia ter feito de outro jeito,

se fiz direito. Comecei a ter várias dúvidas. Acho que é a crise dos 40 anos. No Encontro Cansativa Feminino, em março de 2017, conheci a Master Coach, Sandra Schiavetto e suas palavras me chamaram a atenção

Iniciei o coaching e descobri que eu já tinha respostas para muitas das minhas perguntas, mas eu não conseguia ouvi-las. Enxerguei que, mesmo com minha origem humilde, consegui avanços na minha vida, aproveitei bem as oportunidades que surgiram. Sou supervisora agrícola de uma organização que, pelo benchmarking do CTC (Centro de Tecnologia Canavieira) ocupa o segundo lugar em produtividade e somos premiados há cinco anos consecutivos. E eu contribuo para isso, pois auxílio a Diretoria Agrícola nas tomadas de decisões com meu trabalho que envolve o controle dos resultados agrícola. No setor que trabalho, somos cerca de 30 líderes, dentre eles sou a única mulher, e isso não é por acaso, nem sorte ou destino, é capacidade, então, precisava reconhecer o meu valor.

O coaching faz isso, melhora nossa autoestima. Também possibilita o autoconhecimento, ajuda-nos a analisar se nosso perfil é adequado para os planos que pensamos realizar, nos permite analisar por todos os ângulos, não só o financeiro. Por exemplo, tinha ideia de abrir uma farmácia, mas consegui perceber que, com meu jeito emotivo, eu iria me envolver com os problemas das pessoas, e ficaria infeliz. Inclusive, esse meu lado emotivo era algo que me preocupava, achava que seria uma fraqueza, um ponto falho. Com o teste feito pela Sandra, fiquei surpresa ao descobrir que ao contrário do que pensava, na



hora que precisa sou racional e não deixo a emoção interferir nas minhas decisões.

Com o coaching também estou trabalhando um ponto que me desgasta muito, o meu perfeccionismo. Incomoda-me não ter exatamente o resultado esperado e o domínio de toda situação. Estou tentando mudar, deixar de achar que sou responsável por tudo, ver que muitas coisas já chegam prontas e que devo exigir menos de mim e entender que um trabalho em equipe é o resultado de todos.

Essa cobrança também acontece sobre atitudes não tomadas, quando tinha a sensação que devia ter feito algo e não fiz, ficava sofrendo, cobrando-me por não ter ousado. O coaching levou-me a assumir as minhas escolhas e perceber que a decisão



que tomei não foi ruim, foi a que acreditava ser melhor naquele momento e me sentir bem assim. Ele desperta a nossa maturidade para encarar que podemos fazer algo e sermos felizes com isso, mas também podemos não fazer e nem por isso sentir culpa por não ter feito. Podemos ser felizes com as opções que tomamos.”

Daniela Bento Gomes, Supervisora Controle Agrícola da Usina Santo Antonio, Sertãozinho, SP.

O coaching é um processo de doação

“Ter a oportunidade de passar pelo processo de coaching foi algo sensacional. Um divisor de águas, eu diria. Pode soar redundante, mas de fato, os ensinamentos ali passados são para a vida toda. Ensinamen-



tos estes que me mostraram o caminho para ser um profissional mais completo e presente, buscando a eficiência e inovação em todos os processos e comportamentos. As mesmas técnicas, dicas e informações compartilhadas, também me fizeram um esposo melhor, um pai melhor, um filho melhor, enfim, uma pessoa melhor.

O coaching é um processo de doação e durante ele, temos que nos entregar, pois só assim os resultados vão acontecer. A metodologia de trabalho da Multi Training facilita muito para que essa experiência seja um sucesso, pois oferece toda a estrutura necessária para que isso aconteça. Além de contar com excelentes profissionais experts na área.”

Gustavo Messale Chioda - Coordenador de Recursos Humanos – Coplana

O coaching não dá respostas, mas ajuda a encontrá-las

“Passei por uma crise: não sabia se era profissional, pessoal, existencial ou as três. Precisava de alguém para me ajudar, mas quem? Foi quando uma amiga, profissional respeitada, me falou da Multi Training. No momento hesitei porque não sabia muito bem se era um trabalho de coaching que precisava. Também pensei: Será que a Sandra, profissional que presta o trabalho de coaching vai dar conta das necessidades que estava passando? Decidi arriscar. Foi então que conheci a Sandra, porque a Fabiane já a conhecia aqui



do Sul e sabia da sua competência e compromisso com o conhecimento. Sandra é uma profissional que está pronta, se é assim que posso falar. Te deixa à vontade para expor seus medos, questionamentos, incertezas. Possui conhecimento técnico-científico para dar conta das demandas que o mercado de trabalho exige e, como exige. Te instiga a pensar no seu passado, presente e futuro, não dá respostas, mas ajuda a encontrá-las.

A Multi Training também é uma empresa que se preocupa com resultados e a satisfação do cliente, demonstrando isso de muitas formas. Super recomendo a Multi Training, a gente percebe os resultados já na primeira sessão."

Vera Rossatto Bohrz – Fisioterapeuta, é do Rio Grande do Sul e realizou o processo de coaching via on-line

"Coaching, processo maravilhoso de autoconhecimento da mente e da alma, transformou a minha vida pessoal e profissional"

"Aos que acreditam em destino ou que estava escrito para acontecer, foi desta forma que tive a felicidade de conhecer o coaching. Este processo maravilhoso de autoconhecimento da mente e da alma transformou a minha vida pessoal e profissional. Realizei dois processos de coaching em diferentes momentos. Troquei a dúvida, a incerteza, a insegurança por atitude, altivez, confiança e muita objetividade em minhas ações cotidianas.

Como resultado dias melhores e mais felizes, repletos de conquistas e realizações sem, contudo, deixar de ter o verdadeiro equilíbrio e domínio de minhas ações pessoais e profissionais que consegui atingir com o Coaching."



Adriano Aguilar – Empresário



Saí uma pessoa melhor e mais profissional

“Salta aos olhos o profissionalismo e competência da Master Coach Sandra Schiaveto. Com sua sensibilidade, prática de anos e perspicácia, ela consegue fazer você mergulhar no seu “EU” que impendem a sua evolução, como profissional e ser humano, mostrando as atitudes certas a serem tomadas e assim poder desenvolver habilidades necessárias, para que você melhore a performance, e, também a experiência das pessoas que trabalham ou convivem com você. Ela é muita atenta, sensata, sabe como direcionar as soluções e me conduziu, para que eu tivesse clareza para alcançar meus objetivos. Ela brilha pelo seu estilo de ser e consegue trazer a superfície o melhor que carregamos dentro de nós, o que nos faz um melhor ser humano, para nós e para os que cono-

co convivem. Gostei muito do processo de Coaching, um dos melhores investimentos que podemos fazer para nossa qualidade de vida. Saí uma pessoa melhor e mais profissional.”



**Tânia Soraya Rodrigues –
Gerente do Banco do Brasil**

Multi Training

Para conhecer melhor o que mais podemos fazer por você e sua empresa, basta nos contatar:

Sandra Schiavetto – Master Coach

sandraschiavetto@multitraining.com.br – (16) 98131-7177 / (16) 3325-5290

Fabiane Zat – Relacionamento Comercial

fabiane.zat@multitraining.com.br - (16) 99248-0092 / (16) 3325-5290

Visite nosso site e veja alguns depoimentos de nossos clientes:

www.multitraining.com.br

Dr. Cana

O plano de saúde
do seu canavial

SEGMENTOS DE SERVIÇOS À DISPOSIÇÃO



GESTÃO
AGRÍCOLA



COLHEITA
MECANIZADA



VARIEDADES
DE CANA



QUALIDADE DA
MATÉRIA-PRIMA



TRATOS
CULTURAIS



PLANTIO



AGRICULTURA
DE PRECISÃO



MANUTENÇÃO
MECÂNICA



SOLOS



DEFESA
FITOSSANITÁRIA



IRRIGAÇÃO



BIOMASSA



AMBIENTAIS,
AGRÁRIOS E
TRIBUTÁRIOS



ANÁLISES
NEMATOLÓGICAS
E DE SOLO



ATUALIZAÇÃO
E FORMAÇÃO
PROFISSIONAL

SAIBA MAIS

Quer entender como
funciona o Dr. Cana?

[CLIQUE AQUI E ASSISTA O VÍDEO](#)



www.drcana.com.br

ENTRE EM CONTATO



+55 (16) 3211 4770



contato@drcana.com.br

O Novo Código Florestal e o legado de sustentabilidade da agricultura brasileira para o mundo

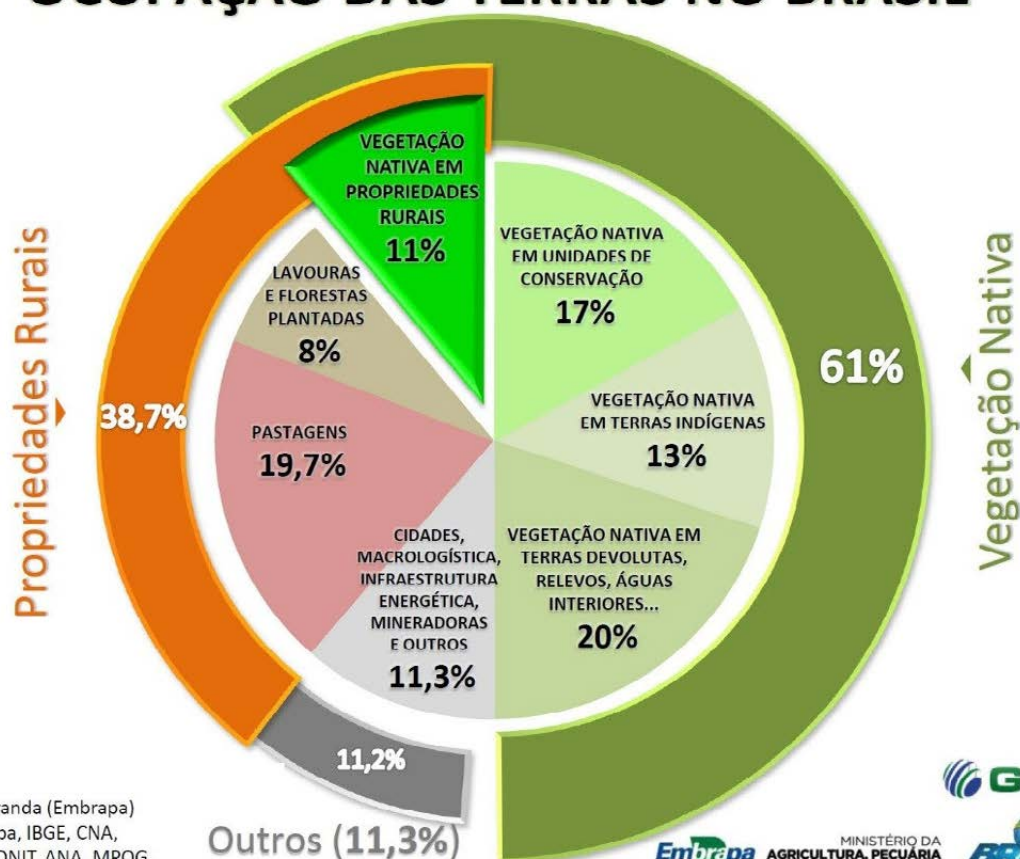
DADOS DIVULGADOS PELA EMBRAPA E CONFIRMADOS PELA NASA, ATESTAM QUE O BRASIL OCUPA MENOS DE 8% DO TERRITÓRIO COM AGRICULTURA. PAÍSES DA EUROPA UTILIZAM ENTRE 45% E 65%

*Ana Palazzo

O Novo Código Florestal Brasileiro (Lei 12.651/12) estabelece as regras para exploração da vegetação nativa em propriedades privadas. So-

bre mais de uma década de debates, que ainda permanecem no Supremo Tribunal federal (STF), a lei trouxe mais do que segurança jurídica para a produção agrope-

OCUPAÇÃO DAS TERRAS NO BRASIL



Autoria:
Evaristo de Miranda (Embrapa)
Fontes: Embrapa, IBGE, CNA, MMA, FUNAI, DNIT, ANA, MPOG.



cuária, mas a confirmação da riqueza que o setor dá ao mundo, em termos de sustentabilidade e produtividade.

Desde a década de 30, o Brasil possui legislação para exploração do seu território. As regras foram sendo modificadas ao longo do tempo, com a evolução da sociedade e dos sistemas produtivos. A lei vigente reforça os conceitos de Reserva Legal (RL) e Área de Preservação Permanente (APP), instrumentos presentes desde os primeiros textos, destinados a demarcar as áreas que devem ser preservadas. A RL caracteriza a porcentagem de terra, diferente para cada bioma, que deve ser coberta por vegetação nativa e pode ser explorada economicamente de forma sustentável, obedecendo a regras específicas. Já as APPs, são locais que devem permanecer intocados, por caracterizem riscos ou serem áreas sensíveis, como nascentes de rios ou topos de morros.

Além disso, o Código Florestal também trouxe a obrigatoriedade da realização do Cadastro Ambiental Rural (CAR), exigido para todos os imóveis rurais do Brasil. A ferramenta engloba dados dos proprietários, além de todas as características dos imóveis, incluindo áreas de preservação (RL e APPs). Todas as informações são georreferenciadas. Atualmente, cerca de 95% das áreas passíveis de cadastramento estão documentadas, segundo o Serviço Florestal Brasileiro (SFB). Locais que necessitem de alguma recomposi-



Atualmente, cerca de 95% das áreas passíveis de cadastramento estão documentadas

ção, deverão aderir ao Programa de Regularização Ambiental (PRA), de responsabilidade dos Estados.

Apesar de todas as dificuldades e lentidão em estruturação das políticas, a segurança jurídica trazida por todo esse processo permite o acesso a crédito e seguro rural. Além de alterações nas matrículas das propriedades, para vendas e/ou desmembramentos. Pontos primordiais para a manutenção da produção e do desenvolvimento econômico do país.

O Brasil está entre os maiores produtores e exportadores de alimentos do mundo, isso não é novidade. O que é relativamente novo, no entanto, é a confirmação de como conseguimos tal feito, com emprego de tecnologia e preservação. Dados divulgados pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e confirmados pela Nasa (agência norte americana de pesquisas espaciais), atestam que o país ocupa menos de 8% do território com agricultura. Países da Europa utilizam entre 45% e 65%. Os Estados Unidos ocupam 18% de sua área com a atividade agropecuária. O CAR também foi basea-





A vegetação nativa ocupa 66% do território brasileiro

do em imagens de satélite para mapear os imóveis rurais, mesma tecnologia utilizada nos estudos.

A vegetação nativa ocupa 66% do território brasileiro. Mais importante, 21% desse total está alocado dentro de propriedades privadas! Empresas e produtores rurais contribuem de forma única no mundo para a preservação da biodiversidade e manutenção dos recursos naturais. Sem nenhuma compensação financeira e pouquíssimo suporte em temas estratégicos, como infraestrutura, por exemplo, para realização de tal feito.

Ainda segundo as fontes citadas, a Europa, sem a Rússia, detinha mais de 7% das florestas originais do planeta, atualmente tem 0,1%. Mais um indício de como somos campeões em produzir e preservar.

Em resumo, a agricultura nacional está pronta para encarar os desafios de regulamentação de frente, mostrando seus resultados em um livro aberto, com páginas coloridas pela nossa produção, nossa fauna e flora!



***Ana Palazzo - Eng. Agrônoma formada pela Universidade Federal de Viçosa (UFV)
ana_c_palazzo@hotmail.com***



Base sólida e experiências marcantes fortalecem carreira de gerente

A ENGENHEIRA AGRÔNOMA VANESSA SILVEIRA CONCILIA CONHECIMENTO ACADÊMICO AO TRABALHO EM GRANDES COMPANHIAS E VIVENCIA MOMENTOS ESPECIAIS EM SUA TRAJETÓRIA DE SUCESSO



“Os conceitos de sustentabilidade da Tereos vêm ao encontro com o que eu sempre acreditei como profissional”, diz Vanessa

Renato Anselmi

A trajetória profissional da engenheira agrônoma Vanessa Prezotto Silveira, gerente de meio ambiente da Tereos Açúcar & Energia Brasil, coleciona momentos especiais e de sucesso, que conciliam desenvolvimento em pesquisa na academia, como PhD, e a aplicação desse conhecimento na visão corporativa.

Com sólida formação na área ambiental, Vanessa tem a missão de garantir, entre outras atribuições, que a Tereos es-

teja sempre atenta as mudanças e necessidades ambientais exigidas pela legislação brasileira e aos processos de certificação. A gerência de meio ambiente deve manter também todos os atendimentos legais de licenças e permissões para operação das unidades da companhia – informa.

“Outra atribuição é assegurar ainda que todos os relacionamentos, como a interface da Tereos com os stakeholders, sejam conduzidos da melhor maneira possível, para que as práticas estejam sempre





Viveiro de mudas para reflorestamento em áreas da Tereos: parte dos processos de produção

dentro do compromisso dos pilares da sustentabilidade da empresa”, destaca.

Além disso, é preciso certificar que todos os compromissos ambientais da Tereos, como compensações ambientais, reflorestamento, projetos de garantias, sejam utilizados da melhor forma possível dentro dos processos de produção – afirma.

Antes de assumir diversas responsabilidades em uma área estratégica de um grupo renomado, como o Tereos, Vanessa sedimentou um caminho com bases sólidas em sua formação, além de ter experiências marcantes em outras empresas de destaque. Formada em Engenharia Agrônoma pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universida-

de de São Paulo (Esalq/USP), de Piracicaba, SP. Ingressou no mestrado no Centro de Energia Nuclear na Agricultura (CENA), também na USP, focando a sua dissertação em processos realizados pelo homem, que pudessem gerar eutrofização nos corpos hídricos, prejudicando a qualidade da água.

Eutrofização é um processo geralmente provocado pelo homem, ou seja, de origem eutrópica – que raramente ocorre de forma natural –, tendo como princípio básico a gradativa concentração de matéria orgânica acumulada nos ambientes aquáticos, o que provoca, por exemplo, o crescimento excessivo de plantas que se desenvolvem nesses lugares.

“Fiz também doutorado e o foco da

minha pesquisa foi o quanto as atividades antrópicas, como o uso de queima, poderiam emitir ácidos orgânicos para a atmosfera, causando, potencialmente, chuva ácida e mudanças na composição da atmosfera”, revela.

Durante esse período, teve a oportunidade de estagiar no Centro de Pesquisas do Governo da Dinamarca.

Em seu trabalho como pesquisadora, com suporte do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), conseguiu juntar esses dois projetos, em síntese, com foco no estudo das alterações químicas decorrentes da atividade da agricultura e o impacto disso no ambiente.

Em seguida, começou a ter um contato mais direto e intenso com as questões ambientais que envolvem a atividade sucroenergética. “Fui convidada para trabalhar na Arcadis, uma holding holandesa que é uma das maiores redes de consultoria ambientais do mundo, atendendo oito grupos diferentes do setor sucroenergético como produtores de etanol, energia, bioenergia e biocombustíveis. Coordenei estudos de impacto ambiental e audiências públicas para projetos de ampliação e de instalação de novas unidades”, conta.

Outra experiência no setor sucroenergético foi no Grupo Cosan, a partir de 2009, onde atuou como coordenadora corporativa de meio ambiente, trabalhan-



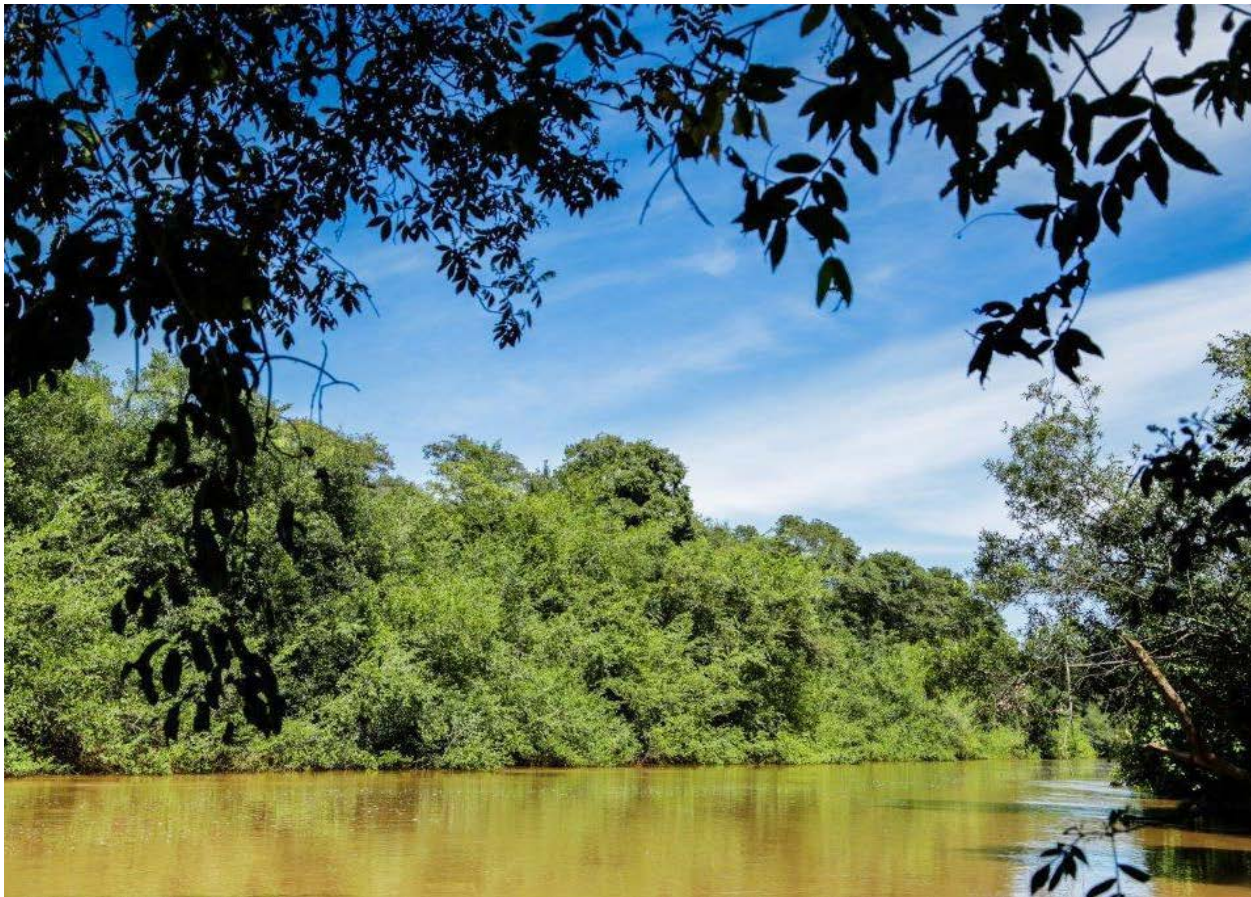
Vanessa coordenou estudos de impacto ambiental e audiências públicas para projetos de ampliação e de instalação de novas unidades



do com as 24 plantas que a empresa tinha na época. Vanessa continuou na empresa após a Cosan realizar, em 2011, um joint venture com a Shell, formando a Raízen, onde ficou até 2014.

Entre 2014 e 2015, lecionou na Escola de Engenharia de Piracicaba, no curso de Engenharia Ambiental, em disciplinas

conceitos de sustentabilidade da Tereos vêm ao encontro com o que eu sempre acreditei como profissional e, por isso, é uma satisfação atuar na área ambiental, no agronegócio. Isso reafirma cada vez mais, para mim mesma, de que é possível obter grandes avanços na sustentabilidade de acordo com o Business da Tere-



Vanessa destaca que nenhum outro setor tem um investimento tão forte em atividades de reflorestamento como o sucroenergético

como perícia ambiental e análise de riscos. Começou a trabalhar, em 2015, na British Petroleum, como gerente de meio ambiente e de sustentabilidade. E em 2016, iniciou a sua trajetória na Tereos, atuando nas sete unidades do grupo, como gerente corporativa de meio ambiente.

Responsabilidade ambiental - "Os

os, garantindo conformidade para operar e produzir com eficiência", afirma Vanessa ao comentar o significado de gerenciar uma área considerada estratégica para a atividade sucroenergética.

Em relação ao avanço de unidades e grupos produtores na área de responsabilidade ambiental, ela destaca que nenhum

outro setor tem um investimento tão forte em atividades de reflorestamento como o sucroenergético. “Investimentos em tecnologia na aplicação de subprodutos no solo, como a vinhaça, de maneira localizada, também fazem com que tenhamos mais controle e qualidade na utilização desses produtos no solo”, observa.

O grupo Tereos investe em pesquisa e em desenvolvimento de projetos que garantem redução no consumo e na necessidade de água, como recurso ambiental; diminuição no consumo de energia e boas práticas na gestão dos resíduos – detalha.

Segundo a gerente de meio ambiente, a estratégia de desenvolvimento sustentável da Tereos serve como exemplo para que outras companhias, de outros segmentos do agronegócio, se espelhem

nas práticas da empresa, compreendendo que diversas ações e programas ambientais, sociais e econômicos direcionam para um desenvolvimento que garante o sucesso da produção dentro dos pilares da sustentabilidade.

A Tereos definiu cinco pilares para os seus compromissos: “Agricultura Sustentável”, “Indústria e Logística Positiva”, “Garantia dos Produtos”, “Desenvolvimento Local” e “Nutrição e Saúde” – informa. “A empresa oferece todo o suporte necessário para o desenvolvimento desses compromissos. Eu acredito, assim como a Tereos acredita, dentro da sua visão e da sua política, que é possível que o país tenha um desenvolvimento agrônomo, atrelado às necessidades de sustentabilidade”, comenta.



Empreender a agricultura sustentável está entre os pilares da Tereos





Visão feminina - O processo de amadurecimento e profissionalização do agronegócio brasileiro está sendo acompanhado por um aumento da participação da mulher nesta atividade. De acordo com Vanessa Prezotto Silveira, o setor do agronegócio tradicionalmente é masculino. Mas, nos últimos anos, a atuação da mulher – opina – vem ganhando espaço e esse processo está se consolidando de uma maneira muito bem estruturada.

“Acredito que a mulher possui uma visão mais ampla, o que traz, de certa maneira, facilidade em lidar com todas as áreas: econômica, social, ambiental. Isso garante mais tranquilidade no relacionamento entre as companhias e entre os setores de produção do agronegócio com os grandes players e o público que está envolvido no processo, como consumidores, parceiros, fornecedores e a sociedade como um todo”, comenta.

Que o papel da mulher em posições estratégicas e de liderança venha a ser cada vez mais consolidado – ressalta Vanessa, que vai participar como debatedora, do painel “Inovação é com as mulheres” no VII Encontro Cana Substantivo Feminino, que acontece em Ribeirão Preto, SP, em 22 de março.

“É um prazer ter essa possibilidade de participar desse projeto, que incentiva a valorização da mulher no agronegócio”, afirma. Para ela, é gratificante ser reconhecida pelo seu trabalho e contribuir



A profissional espera que o papel da mulher em posições estratégicas e de liderança venha a ser cada vez mais consolidado

para que outras jovens mulheres se inspirem e corram atrás de seus sonhos.

Além do aspecto profissional, ela destaca que é importante também conduzir muito bem a vida familiar. “O bacana é que tenho dois filhos homens, Daniel com 16 anos e o Felipe com 10, crescendo com uma mãe que possui uma história. Isso faz com que eles tenham um exemplo dentro de casa da valorização do papel da mulher na sociedade. Dois ótimos alunos e filhos incríveis”, diz.



MBAUSP ESALQ

INSCRIÇÕES ABERTAS

1º SEMESTRE 2018

Gestão de Negócios

Marketing

Gestão Escolar

Agronegócios

Gestão de Projetos

Varejo e Mercado de Consumo

Gestão em Cooperativas de Crédito

MBAUSP ESALQ

(19) 3375-4250   mbauspesalq.com
(19) 99948-4769   mbaesalqusp

*A última prova do curso (de qualificação) deverá ser feita presencialmente no campus da USP/Esalq, em Piracicaba